



UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
CES - CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS APLICADOS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA

DOIS JOVENS DO PALÁCIO:  
ARTE, VIDA COTIDIANA E PROJETOS

PATRÍCIA ABREU DAMASCENO

ORIENTADOR: PROF.º DR.º PAULO CÉSAR RODRIGUES CARRANO

Niterói

2010

DOIS JOVENS DO PALÁCIO:  
ARTE, VIDA COTIDIANA E PROJETOS

PATRÍCIA ABREU DAMASCENO

Monografia apresentada junto ao  
Curso de Graduação de Pedagogia da  
Universidade Federal Fluminense  
como requisito parcial para a  
conclusão do curso.

Banca Examinadora:

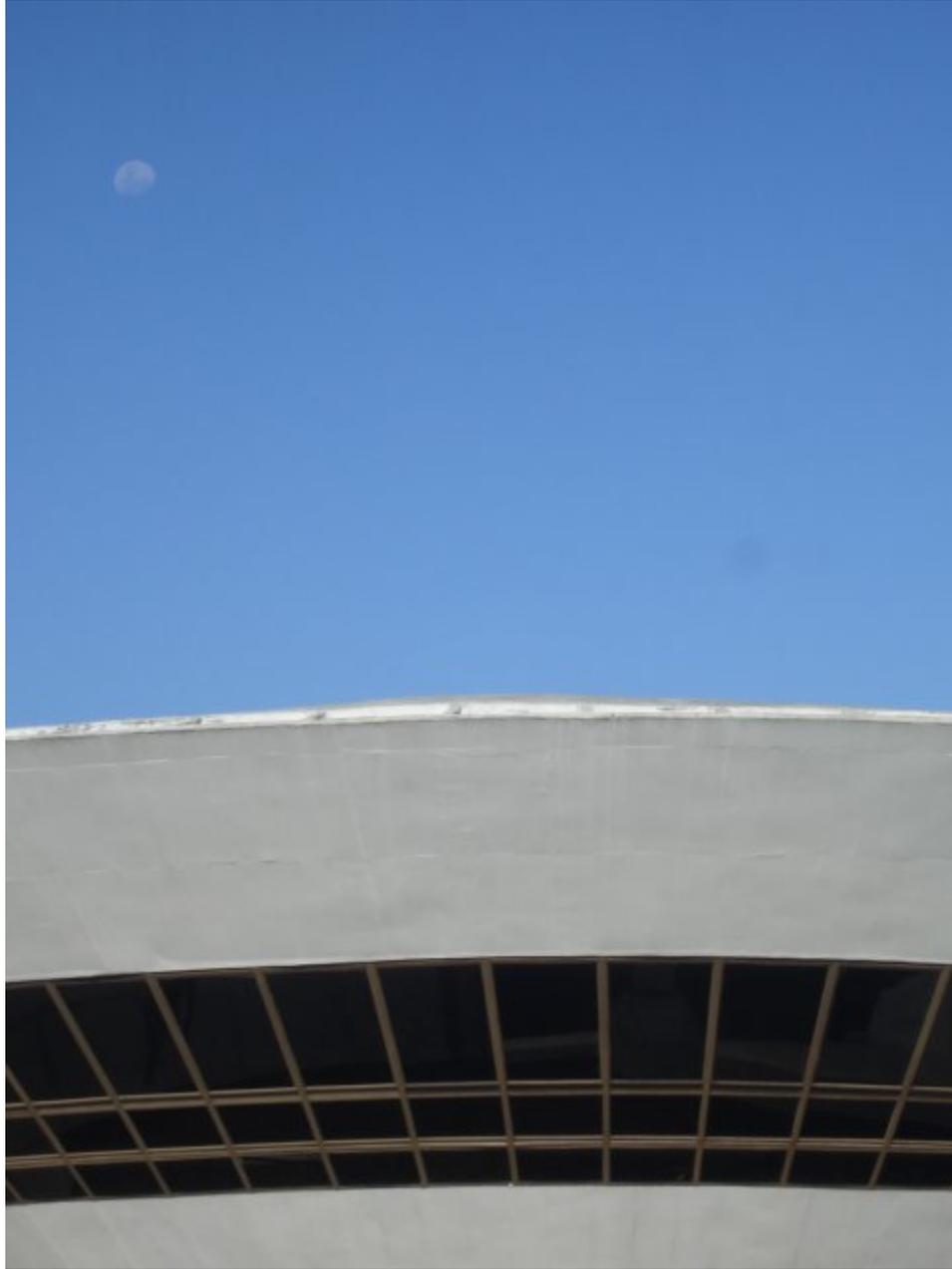
---

Prof.º. Dr.º. Paulo César Rodrigues Carrano

---

Prof.ª. Dr.ª. Lia Tiriba de Vargas

Niterói  
2010



Museu de Arte Contemporânea  
Foto de Patrícia Abreu

"Não somos nós quem tomamos as decisões, são elas que nos tomam a nós..."  
Saramago

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus pela eterna benção.

Agradeço aos meus pais pelo amor, pelo apoio e pela crença em mim.

Agradeço ao professor Paulo Carrano pela sua atuação como orientador e amigo nos últimos dois anos.

Agradeço a todos os integrantes do Observatório Jovem pelo acolhimento e pela oportunidade de crescer pessoal e academicamente.

Agradeço aos jovens que participaram da pesquisa pela disponibilidade e oportunidade de ampliarmos nossos conhecimentos.

Agradeço a todos os professores que contribuíram para minha formação acadêmica.

Agradeço aos amigos Ingrid e Luciano pelo apoio e incentivo ao longo de todo o desenvolvimento desta monografia.

Agradeço à amiga Sarah pela presença constante, mesmo na distância, impescível para a conclusão desta monografia.

## RESUMO

O presente trabalho monográfico parte da pesquisa “*Territórios juvenis na cidade de Niterói: jovens de espaços populares e esferas públicas participativas*”, desenvolvida no grupo de pesquisa Observatório Jovem, da qual participei como bolsista de iniciação científica. Entretanto, limito-me a trabalhar com apenas dois jovens, que além de serem moradores do Morro do Palácio, são participantes do projeto Arte Ação Ambiental, promovido pelo Museu de Arte Contemporânea, e definiram suas redes profissionais a partir do mesmo. Através da descrição e análise de suas biografias e modos de vida, busco compreender as relações que estabelecem com seus cotidianos e suas trajetórias de vida, considerando seus envolvimento com o projeto social. Busco ainda compreender como os dois jovens enfrentam seus momentos dilemáticos, realizam suas escolhas e, conseqüentemente, como estes momentos influenciam para a constituição de suas identidades. Para tanto, usei como material de análise as imagens gravadas de entrevistas realizadas com os jovens, a decupagem destas imagens que se encontram catalogadas, assim como minha experiência adquirida ao longo do desenvolvimento da pesquisa.

Palavras-chave: jovens, escolha, projeto, identidade

## SUMÁRIO

• A pesquisa na qual se baseou a monografia .....	08
A metodologia da pesquisa .....	09
O meu recorte para a pesquisa monográfica .....	11
• O projeto Arte Ação Ambiental .....	13
• Jovens e processos de elaboração de si em sociedades complexas .....	17
• Telto	
Análise biográfica .....	24
Telto e seu Modo de Vida .....	31
• Jeferson	
Análise biográfica .....	39
Jeferson e seu Modo de Vida .....	44
• Considerações Finais .....	51
• Bibliografia .....	53

## A pesquisa na qual se baseou a monografia

Ao longo do curso de Pedagogia senti a necessidade de adquirir maior experiência, quanto à pesquisa de campo, do que as disciplinas cursadas poderiam me oferecer. Procurei, então, bolsas de iniciação científica dentro da Faculdade de Educação. Dentre as ofertas de bolsas que encontrei naquele momento, optei por uma bolsa que prometia trabalhar com jovens moradores do Morro do Palácio, localizado no Ingá, Niterói. Além deste ponto comum, todos os jovens seriam participantes ou ex-participantes do projeto Arte Ação Ambiental, promovido pelo Museu de Arte Contemporânea, desde 1999, também em Niterói. A bolsa era oferecida pelo grupo de pesquisa Observatório Jovem, do qual passei a integrar a partir de então.

Através da pesquisa *“Territórios juvenis na cidade de Niterói: jovens de espaços populares e esferas públicas participativas”*<sup>1</sup> tive a oportunidade de acompanhar todo o desenvolvimento de uma pesquisa acadêmica que, neste caso, buscou compreender como os jovens circulam e se apropriam da cidade em que moram e quais relações são estabelecidas a partir dos espaços por eles frequentados, sempre com foco nos relacionamentos que estes jovens moradores do Morro do Palácio estabelecem com o restante da cidade.

Como já foi dito anteriormente, os jovens aos quais indagamos sobre os seus trajetos e relacionamentos com a cidade eram participantes e ex-participantes do projeto Arte Ação Ambiental promovido pelo Museu de Arte Contemporânea. Entretanto, é importante lembrar que não foi objetivo da pesquisa avaliar o desenvolvimento do projeto tão pouco o “impacto” do mesmo na vida destes jovens.

Contudo, a pesquisa trazia como objetivo investigar como os jovens pobres experimentam e se apropriam do espaço urbano e como se dá a participação dos mesmos na constituição deste espaço a partir da descrição e análise de suas trajetórias de vida.

---

<sup>1</sup> A pesquisa recebeu financiamento da Faperj – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro, para duas bolsas de iniciação científica, inclusive a minha e teve seu início em maio do ano de dois mil e oito.

## A metodologia da pesquisa

O contato com os jovens se deu a partir do projeto Arte Ação Ambiental, do qual alguns jovens haviam participado e outros ainda o integravam. Com o auxílio de um funcionário do setor de educação do Museu de Arte Contemporânea, realizamos um encontro no qual a equipe pôde apresentar a pesquisa a alguns jovens propondo sua participação. Dos jovens presentes neste encontro, dois aderiram à pesquisa. Os outros três participantes foram contatados a partir dos jovens que conhecemos neste dia. Entretanto, vale ressaltar que uma jovem, que posteriormente aderiu à pesquisa, não participou do mesmo projeto que os demais, mas sim do Comuniarte<sup>2</sup>, também promovido pelo Museu de Arte Contemporânea.

Definidos os cinco jovens que participariam da pesquisa, agendamos com cada um o dia em que nos encontraríamos com eles individualmente para que esses pudessem desenhar um mapa representando os lugares de maior frequência. Sugerimos que identificassem, através de seis cores, aqueles locais com os quais tivessem mais afinidade, aqueles que freqüentavam apenas por obrigação ou aqueles em que significavam um momento de lazer para eles, por exemplo. Imediatamente após o mapa concluído, tínhamos nossa primeira conversa individual com cada jovem. Esta era direcionada para a interpretação do mapa e os principais trajetos realizados pelo jovem no seu cotidiano.

Na semana seguinte, realizamos uma entrevista aprofundada de caráter biográfico, cujo foco era a vida do jovem, enfatizando momentos significativos da infância, da vida em família, de experiências em trabalho e escola, de lazer etc. Deste modo, o entrevistado pôde expor momentos significativos de sua trajetória pessoal contribuindo para que adquiríssemos um conhecimento abrangente sobre sua biografia. Com esta entrevista

---

<sup>2</sup> O projeto Comuniarte-Palácio foi desenvolvido pelo Museu de Arte Contemporânea (MAC) em parceria com a Universidade Federal Fluminense (UFF), jovens moradores do Morro do Palácio, o The Andy Wahrol Museum e outras instituições apoiadoras. O projeto teve início em março de 2008 com participação direta do Observatório Jovem e teve como lema do projeto piloto a construção de um espaço de troca entre os jovens do Palácio e os universitários.

aprofundada, os encontros posteriores, que visavam explorar especificamente o cotidiano, puderam se desenvolver como esperado, e em torno das atividades cotidianas, sem que os jovens sentissem necessidade de retomar aspectos relacionados com suas trajetórias pessoais.

Depois de realizada a entrevista aprofundada, iniciamos aquilo que denominamos de *semanários*. Estes tiveram como objetivo registrar o cotidiano de cada um dos jovens, tal como se fosse um diário, porém, por meio de conversas realizadas uma vez por semana e ao longo de seis semanas. Nos semanários, era proposto ao jovem que descrevesse como havia sido toda sua semana, quais os lugares que havia frequentado e o que isso havia significado para ele. Estávamos cientes de que uma narração descritiva não é um contato direto com o real cotidiano, mas a maneira do jovem expressar o seu cotidiano revela o modo como ele o entende, organiza, simboliza e significa.

Uma semana nos pareceu ser ainda um período longo para ser descrito de uma só vez, pois um determinado fato pode ser importante em um momento, mas depois pode ser algo considerado insignificante. Assim, para que tais momentos não deixassem de ser relatados, cada jovem recebeu um caderno no qual poderia registrar toda sua semana, tal como um diário. Desta maneira, evitamos que os depoimentos fossem apenas um resgate do que havia acontecido de diferente ou mais interessante, uma vez que esperávamos recuperar justamente o rotineiro e tudo o mais que ele traz implícito.

Vale destacar que o processo metodológico descrito acima ocorreu ao longo dos meses de junho, julho e agosto de 2008. Neste período, a pesquisa fez uso ainda da observação de campo e do acompanhamento com registro audiovisual dos trajetos dos jovens por locais que estes consideraram mais expressivos. Ao final, realizamos um grupo de discussão pautado pelos conteúdos significativos que surgiram nas entrevistas aprofundadas e nas entrevistas semanais realizadas com os jovens, tais como comunidade, amizade, religião, escola, preconceito.

## **O meu recorte para a pesquisa monográfica**

A pesquisa se constituiu com a preocupação com a relação dos jovens com a cidade. Desta forma, buscou inventariar a pluralidade de caminhos percorridos por eles. Ao longo da pesquisa conheci sujeitos que estabelecem diversas redes em seus cotidianos. Redes que convergem para uma realidade imersa em uma grande complexidade social, na qual é possível observar e analisar momentos dialemáticos vividos por cada um. Chamo de momentos dilemáticos aqueles nos quais o sujeito se encontra diante de uma situação na qual se vê compelido a realizar uma escolha, tomar uma decisão. Sendo assim, foi objetivo desta monografia compreender os modos como os jovens que participaram da pesquisa reagem a estes momentos dilemáticos, quais escolhas eles fazem, qual a influências das escolhas feitas em suas trajetórias de vida.

A identificação e interpretação das diferentes maneiras pelas quais os jovens lidam com suas escolhas e, conseqüentemente, determinam suas trajetórias pessoais passam pelo inventário e compreensão dos valores, condutas e práticas sociais que os mobilizam rumo aos seus projetos pessoais e constituição de suas identidades.

Foi na relação que os jovens estabelecem entre espaços de segregação – o morro onde moram – com os demais espaços da cidade que a pesquisa se pautou. Sendo assim, é nesta realidade de participação diferenciada e desigual que também está pautada esta monografia. Este diferencial de apropriação dos espaços da cidade é fator influenciador na constituição dos jovens como sujeitos que fazem escolhas e que se apresentam como construtores de suas próprias identidades e biografias. Portanto, é intenção desta monografia compreender a relação de jovens de classe popular com o seu cotidiano e com o contexto em que vivem a partir do seu envolvimento com um projeto social.

A pesquisa, sendo toda registrada em vídeo, permitiu-me uma análise detalhada dos dados coletados – tanto através do fichário onde dispusemos a decupagem de todo material produzido, quanto pela possibilidade de (re) assistir as imagens que se encontram todas catalogadas – colaborando para o desenvolvimento do presente trabalho monográfico.

Ao fazer uso da pesquisa desenvolvida junto aos jovens do Morro do Palácio para escrever o meu trabalho monográfico, realizo uma nova “inversão ativa de interpretação e seleção” (Colombo, 2005) de um mesmo material áudio-visual. Isso porque, em nenhum momento foi intenção da pesquisa da qual participei apontar e analisar situações dilemáticas de escolhas. Por conseguinte, cabe ao presente trabalho acrescentar esta análise ao material já produzido utilizando uma nova linguagem que, para Colombo, significa utilizar “uma força constitutiva que dá forma a uma visão particular da realidade”.

Entretanto, lembro que foram cinco os jovens que participaram da pesquisa da qual participei como bolsista de iniciação científica no grupo de pesquisa Observatório Jovem. Todos eles possuíam dois pontos em comum: o primeiro deles é o fato de serem moradores do Morro do Palácio, e o segundo é o fato de terem participado de um projeto social promovido pelo Museu de Arte Contemporânea. Sendo que quatro jovens participaram do projeto Arte Ação Ambiental e uma jovem do projeto Comuniarte.

Dentre os quatro jovens que participaram do projeto Arte Ação Ambiental, dois deles integraram o projeto desde sua origem, continuavam participando no período das entrevistas e constituíram suas redes profissionais relacionadas com o mesmo. Sendo este o motivo que me fez delimitar meu olhar a estes dois jovens para desenvolver a presente monografia.

Para tanto, em seguida, faço uma breve apresentação da constituição do projeto Arte Ação Ambiental. Depois apresento o referencial teórico que tomei como base para desenvolver a análise do perfil de cada jovem.

Logo após, os dois jovens são apresentados separadamente. Em primeiro lugar, apresento uma descrição biográfica, baseado na entrevista aprofundada; e em segundo lugar, apresento o cotidiano de cada jovem, baseado nos semanários, na tentativa de delinear e analisar seus modos de vida.

Por fim, desenvolvo minhas considerações finais onde apresento minhas conclusões referentes às questões aqui trabalhadas.

## O Projeto Arte Ação Ambiental

Para o desenvolvimento deste trabalho monográfico, analiso entrevistas realizadas com dois jovens que possuem em comum, além do fato de morarem na mesma comunidade, no Morro do Palácio, a participação no projeto Arte Ação Ambiental desde sua concepção. Por isso, faz-se necessária uma breve apresentação deste projeto.

O projeto Arte Ação Ambiental teve sua elaboração e implementação a partir da divisão de educação do Museu de Arte Contemporânea, localizado no bairro de Boa Viagem, em Niterói. Entretanto, segundo Reinheimer (2002), a direção da instituição afirma que, desde sua construção e elaboração, a educação não é uma das prioridades do museu. Pois trabalha a partir de um ponto de vista mais tradicional, entendendo o museu enquanto “espaço físico de conservação, divulgação e produção de memória sobre seu próprio acervo”.

Contudo, no projeto Arte Ação Ambiental, a divisão de educação do Museu de Arte Contemporânea parece ter encontrado uma maneira de trabalhar a educação por meio de outras dimensões. A iniciativa partiu, em 1997, do anseio do diretor da Divisão de Educação em realizar atividades artísticas para além do espaço físico do museu. O primeiro passo foi estabelecer contato com profissionais de diferentes áreas, tais como comunicação, educação, artes, biologia e ciências sociais. Estes contatos tinham como fim a construção de um projeto de promoção social que surgisse da interação de propostas de diferentes áreas de conhecimento.

De acordo com Patrícia Reinheimer, ao longo de todo o processo de construção do projeto, o grupo de profissionais não estava seguro se o que construiriam seria uma estratégia institucional do Museu de Arte Contemporânea ou uma Organização Não-Governamental, independente daquela instituição. Não obstante, os objetivos que estabeleciam eram similares a outros projetos de promoção social: a promoção da “cidadania” em bairros de classes populares. Neste caso, especificamente, “cidadania cultural”, entendido a partir da proposta de atuação designada pelo museu com a intenção

de aproximar sua ação à noção de cidadania.

O projeto admitia, ainda enquanto objetivo, a formação de “centros de produção comunitária” dentro de comunidades, em associação de moradores ou espaços alternativos, onde seriam oferecidas diversas oficinas artesanais, visando a produção de artigos que pudessem ser comercializados a fim de tornar o projeto “auto-sustentado”.

As oficinas propostas no período de elaboração do projeto eram as seguintes: oficina de reaproveitamento/reciclagem de materiais; oficina de sensibilização, percepção e diagnóstico ambiental; oficina de jogos neoconcretos; e oficina de reciclagem de material orgânico.

Em 1998, o Programa de Capacitação Solidária financiou um curso de moldura e vidraçaria no Morro do Palácio, que se localiza em frente ao museu, com a intermediação da Associação de Moradores do local. A divisão de arte do Museu de Arte Contemporânea procurou estabelecer contato com o Programa de Capacitação Solidária que, além de apresentar os participantes do curso de molduraria como potenciais possíveis participantes do projeto, mais tarde viria a se tornar o primeiro financiador do Arte Ação Ambiental.

A primeira oficina a ser oferecida foi ministrada pelo diretor da Divisão de Educação e coordenador geral do projeto, este trabalhou com os jovens as noções que constituíam a base da oficina de jogos neoconcretos, um dos principais eixos do projeto e o mais diretamente relacionado ao Museu de Arte Contemporânea.

Na apresentação ao Programa de Capacitação Solidária o projeto foi identificado como uma proposição da Associação de Moradores do Morro do Palácio, sendo o Museu de Arte Contemporânea considerado apenas como um parceiro. Mesmo assim, no início de 1999, o projeto foi aprovado para financiamento pelo Programa de Capacitação Solidária por seis meses, a contar de julho de 1999. Entretanto, por exigência do Programa de Capacitação Solidária, o projeto precisou acrescentar no programa aulas de português e matemática.

Com a aprovação do financiamento pelo Programa de Capacitação Solidária, o projeto foi divulgado junto a Associação de Moradores do Morro do Palácio e aos jovens

que já participavam da oficina de jogos neoconcretos. Desta maneira, 70 jovens, entre 14 e 21 anos, se inscreveram, dos quais 40 foram selecionados para participarem do projeto.

A intenção era que as oficinas acontecessem dentro na comunidade, mas como a Divisão de Arte do museu não conseguiu um espaço apropriado, estas ocorreram de maneira precária no subsolo do museu.

No final de 1999, um dos profissionais ligados ao projeto AAA estabeleceu contato com um dos dirigentes do BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento) que expressou o interesse da instituição em projetos como Arte Ação Ambiental. O projeto foi apresentado ao banco no início de 2000. Patrícia Reinheimer nos conta que

“tendo tido dificuldades com o espaço físico para viabilização do projeto e levando em consideração que o BNDES apenas financia infra-estrutura, os termos da proposta para essa instituição estavam pautados na construção e instrumentalização do “centro de produção comunitária”.

Nos anos de 2000 e 2001, o projeto foi sustentado pela Secretaria de Saúde, devido à parceria com o Programa Médicos de Família. Além disso, a FUNIARTE (Fundação Niteroense de Arte) custeou uma estagiária para atuar junto ao projeto.

Em 2001, as oficinas de jogos neoconcretos e papel reciclado passaram a acontecer com maior autonomia dos jovens e a voltar-se mais a produção artesanal e comercialização da mesma. Com isso, a oficina de português ganhou maior evidência na medida em que passou a servir de apoio ao processo de aprendizagem escolar. Isso porque retornar aos estudos passou a ser pré-requisito para continuar no projeto aos dez jovens que ainda estavam participando do projeto. As demais oficinas já haviam sido interrompidas.

Ao final deste período, foi inaugurado um ponto de vendas dentro do museu visando arrecadar verbas para o projeto. No entanto, este ponto de vendas não teve sucesso devido má administração do mesmo.

Em dezembro de 2001, a verba de R\$ 300.000,00 (trezentos mil reais) do BNDES foi aprovada para a construção deste centro, com a condição que a prefeitura de Niterói garantisse uma verba mensal para a manutenção e um terreno para a construção do mesmo. Entretanto, concessão de verbas pelo banco só poderia ser efetuada após pelos menos dois

anos de existência da organização. Por isso, a partir de então, o projeto foi admitido como ação institucional do Museu de Arte Contemporânea.

Com isso, os jovens participantes foram chamados pelo coordenador do projeto a fim de revisar todos os artistas trabalhados desde o início do projeto com o objetivo de que estivessem preparados para atuarem como multiplicados assim que o “centro de produção comunitária” – denominado pelos jovens de “Maquinho” – estivesse pronto. Além disso, com a aprovação do investimento do BNDES, fez-se necessária uma rediscussão quanto às pretensões e identidade do projeto. Por um lado havia um projeto que visava a formação de cidadania, mas por outro havia se construído sobre esse a expectativa da formação de uma cooperativa que gerasse renda aos participantes. Para tanto, foi chamada uma psicóloga, que procurou identificar a identidade do projeto, assim como as expectativas dos jovens quanto aos objetivos do projeto e as dificuldades dos profissionais responsáveis. Até então, os profissionais envolvidos com o projeto Arte Ação Ambiental não haviam discutido com os jovens participantes sobre suas expectativas e objetivos.

Para Patrícia Reinheimer,

“era necessário entender as expectativas e objetivos pessoais de cada profissional e as dificuldades da própria equipe envolvida com a proposta para que fosse possível trabalhar junto aos rapazes as expectativas desses em relação aos objetivos do AAA. Somente podendo conciliar os interesses de todos, (...) talvez fosse possível construir um sistema que permitisse mediar entre os objetivos do projeto e do grupo de jovens”.

Entretanto, devido o término da pesquisa de campo de Patrícia Reinheimer, a mesma não pôde observar o processo que ela chamou como “terapia institucional”, assim como a influência do trabalho da psicóloga. Contudo, questiona-se se seria possível identificar uma única identidade ou se o projeto seria “formado pelas múltiplas identidades a ele atribuídas pelos diversos agentes direta e indiretamente envolvidos, em constante transformação de acordo com as situações diversas”.

## Jovens e processos de elaboração de si em sociedades complexas

A maneira mais simples que a sociedade encontra para classificar a juventude é delimitando-a quanto à faixa etária. Entretanto, apesar de ser uma definição prática de juventude, é uma definição que pode ocultar uma heterogeneidade desse ciclo de vida, e homogeneizar as representações sobre os jovens. Assim como afirma Carrano (2000) ao escrever que, atualmente, “parece-nos mais adequado, entretanto, compreender a juventude como uma complexidade variável, que se distingue por suas muitas maneiras de existir nos diferentes tempos e espaços sociais”.

Os jovens se constituem enquanto jovens dos mais diferentes modos, porque são diversas as redes que estabelecem, de acordo com cada realidade das *sociedades complexas*, que Velho (2003) entende como “coexistência de diferentes estilos de vida e visões de mundo”.

“Na grande metrópole contemporânea, encontramos não só um maior número e diversidade de papéis e domínios, como evidentes descontinuidades e contradições entre estes. Família, trabalho, religião, lazer, opções políticas, entre outros, configuram um campo de possibilidades em que os atores individuais se movem, mais ou menos impelidos e pressionados, mas com uma gama básica de alternativas e opções.” (Velho, 2003)

Desta maneira, torna-se difícil afirmar que o indivíduo não construa sua identidade na sua ação direta, consciente e constante com o meio em que vive. Para Carrano, “o processo de identificação ocorre num mundo de complexidade, de possibilidades e de escolhas”, do qual comumente não podemos dar conta, devido os vínculos sociais e trajetórias de vida que constituem nossos limites pessoais. Sendo assim, a identidade é constituída em resposta à relação do sujeito com a complexidade social, ou seja, as experiências resultantes da relação entre o indivíduo e o social influenciam nas escolhas que irão compor a identidade. (Nascimento, 2009)

Essas respostas, em muitas das vezes, são reconhecidas nas escolhas que os sujeitos se vêm obrigados a fazer. Através das quais o sujeito determina a continuação da sua trajetória de vida e, conseqüentemente, redefine sua identidade.

Entretanto, questionamo-nos até que ponto uma decisão tomada consiste em excepcionalmente uma escolha e a partir de onde não podemos mais considerá-la como tal. Afinal, onde está esta linha divisória? Como definir o que é e o que não é uma escolha?

Para Velho, podemos escolher dentro de um campo de possibilidades que ele define como “alternativas construídas do processo sócio-histórico e com o potencial interpretativo do mundo simbólico da cultura” que limita nossas escolhas. Enquanto pensamos que realizamos escolhas totalmente livres, na verdade, estamos aderindo uma dentre algumas opções, que nos são dispostas de acordo com a realidade em que nos encontramos.

No entanto, para Melucci (2004) há um excesso de possibilidades no mundo contemporâneo, o que nos possibilita muito mais construir nossas experiências do que recebê-las passivamente por processo de transmissão. Porém, lembra que “um tempo de possibilidades excessivas torna-se possibilidade sem tempo, isto é, simplesmente um mero fantasma da duração, uma chance fantasma”. Ao mesmo tempo em que possuímos inúmeras opções, não são todas que podemos alcançar.

Portanto, é dentre determinadas possibilidades que vamos realizar escolhas que constituirão nossas identidades e, concomitantemente, conduzirão às nossas trajetórias pessoais. As trajetórias serão deliberadas a partir dos projetos que construímos. Por projeto, Shutz (apud Velho, 2003) entende como “conduta organizada para atingir finalidades específicas”. Contudo, podemos tomar o campo de possibilidades como o espaço onde é possível formular, organizar e implementar projetos. Sendo o campo de possibilidades espaço diverso, os projetos individuais podem ser tão diversos quanto, e até contraditórios.

A partir dos projetos elaborados com objetivos específicos, as trajetórias dos indivíduos ganharão consistência e suas realizações dependerão da relação que estabelecerem com outros projetos individuais e coletivos e da dinâmica dentro do campo de possibilidades. Quanto à esta dinâmica dentro do campo de possibilidades, Velho (2003: p. 68) nos explica que “além de as mensagens e influências não serem homogêneas e unilaterais, os indivíduos e grupos movem-se em uma rede de papéis e significados que faz com que a recepção seja diferenciada, e as interpretações, heterogêneas.”

À capacidade do indivíduo de realizar esta movimentação dentro do campo de possibilidades, entre domínios e situações, sem danos, Velho chama de potencial de metamorfose.

A memória é o que nos possibilita uma visão retrospectiva, mais ou menos organizada, da nossa trajetória. A compreensão da nossa trajetória é condição fundamental para a elaboração de novos projetos e, conseqüentemente, continuação da construção da trajetória. Através da memória, conscientizamo-nos do nosso passado, para compreender nosso presente, possibilitando-nos projetar nosso futuro.

Para Velho, o projeto é resultado de uma deliberação consciente a partir das circunstâncias, ou seja, do campo de possibilidades em que o sujeito está inserido. Sendo assim, a negociação da realidade consiste em um elemento básico para a elaboração de um projeto, servindo como “meio de comunicação, como maneira de expressar, articular interesses, objetivos, sentimentos, aspirações para o mundo”, sempre pressupondo a existência do *Outro*. Isso porque, como Pais (2007) afirma, a “afirmação do eu não significa apenas um conhecimento de si próprio, mas um reconhecimento de si por parte dos outros”.

Assim, a identidade é o resultado de um constante processo interativo entre o projeto que elaboramos e as circunstâncias em que nos encontramos. No entanto, a constituição de nossas identidades dependerá também da organização que fazemos da nossa memória, pois o projeto também se torna um processo dinâmico, na medida em que nossas memórias estão em constante reorganização. “Toda vez que tomamos uma decisão que antecipa a ação que virá, o passado modifica-se, sofre uma releitura e adquire um novo significado.” (Melucci, 1997)

Para Leccardi (2005), a identidade pessoal é construída em consequência da projeção que fazemos de nós mesmos para o futuro, sendo este o tempo estratégico para a definição do que somos. Ou seja, para a autora, “projetando que coisa se fará no futuro, proteja-se também, paralelamente, quem se será”.

Na modernidade contemporânea, entretanto, o futuro se apresenta indeterminado e imprevisível, sendo assim governado pelo risco, o que nos traz um sentimento constante de alarme associado à certa sensação de impotência. Contudo, tendemos à nos prender mais ao presente, tomando-o como a única dimensão temporal possível para efetivação de escolhas.

Essa capacidade de intervenção na realidade e produção de novas representações, Pais denomina de *reflexividade transformadora*. Em contrapartida, denomina de *reflexividade impositiva* quando nossas ações refletem ordenamentos culturais. Para o autor,

“a tensão entre esses dois tipos de reflexividade é geradora de situações dilemáticas que fazem com que o cotidiano se assuma cada vez mais como um terreno de negociações, de resistências, de inovações e, conseqüentemente, de dilemas”. (Pais, 2007)

Desta maneira, mais do que uma sociedade de riscos, vivemos em uma sociedade dilemática, onde a “política de decisões da vida” afetam diretamente a constituição da “identidade do eu”, por mais que tenhamos consciência disso (Giddens, Apud Pais, 2007).

Tomar consciência desta política não nos torna emancipados, pois não controlamos nosso processo de constituição de identidade, a não ser pelas decisões que tomamos. O limite à reflexividade transformadora está nos contextos e atributos sociais.

Desta maneira, podemos entender os padrões sociais como um dos filtros utilizados para agrupar indivíduos que tenham a mesma resposta à uma determinada situação dilemática, submetendo-os à certa dependência do controle social. Neste sentido, a tradição é vista como um empecilho para o desenvolvimento do sujeito porque impõe alguns valores e tipos de conduta, restringindo assim o desenvolvimento da reflexividade. Entretanto, a tradição vem perdendo sua força diante da sociedade reflexiva, e à medida que isso acontece, a vida cotidiana se abre a uma cada vez maior diversidade de opções.

Sendo assim, cada um de nós, juízes de nossas próprias ações, vemos nossas referências morais e éticas, por vezes, diluindo-se. Vemo-nos, cada vez mais, como construtores de nossas próprias ações. À sua autonomia com relação à sua capacidade de ação e, conseqüentemente, constituição de si, chamamos de individuação. (Melucci, 2004)

Contudo, Pais afirma que “com os teóricos da modernidade reflexiva aprendemos que viver numa ‘sociedade de risco’ significa viver em permanente atitude de cálculo com relação às nossas possibilidades de ação”. E quanto mais os indivíduos adquirem esta capacidade de refletir sobre a contextualização do campo de possibilidades em que se encontram, e as conseqüências dessa realidade para a constituição de suas identidades, mais possibilidades têm de modificá-las. (Giddens, Beck e Lash, Apud Pais, 2007)

Para Pais, o cotidiano consiste em um “lugar revelador, por excelência, de determinados processos de funcionamento e da transformação das sociedades e de determinados conflitos que opõem os agentes sociais”. Nele, deparamo-nos com diferentes culturas, linguagens, conjuntos de papéis e regras, aos quais devemos nos adaptar.

Esta migração, entre diferentes circunstâncias, exige de nós certa capacidade de mutação, de saber traduzir “aquilo que éramos um segundo atrás para novos códigos e novas formas de relação”. Quando o ritmo de mudança é muito acelerado, nossas referências tradicionais, que fortaleciam nossa identificação (em relação à família, igreja, classe), enfraquecem. Dificultando-nos afirmar com maior segurança quem somos.

O campo de possibilidades é muito mais abrangente do que a nossa capacidade de ação. Desta maneira, almejamos dar conta de todas as possibilidades e acabamos por perder aquelas realmente alcançáveis. Deste modo, ocorre o que Melucci chama de *Síndrome de*

*Don Juan*, onde perdemos o passado ao tentar perseguir todas as possibilidades, sem nos prendermos a nenhuma porque outra já nos chama.

O que também pode ocorrer devido ao grande número de possibilidades é o indivíduo ignorar o presente dedicando-se totalmente a algo que ainda está por vir, ou esvaziando totalmente o seu presente, deixando-o sem conteúdo e entregando-se ao tédio. Contudo, Melucci afirma que “o problema que surge é justamente ancorar no presente a pulsação do tempo, desapegar-se daquilo que foi sem esquecer e antecipar o que virá sem consumir-se na espera”.

Para não se perder no amplo campo de possibilidades, o indivíduo, hoje, precisa adquirir a capacidade de adaptar-se aos diferentes espaços. Melucci afirma que como o “*eu*” tem várias partes, a dificuldade está em usar apenas uma das partes de acordo com a situação. Para o autor, “não é difícil identificar-nos no tempo e dizer se ainda somos o *eu* que éramos, mas também, e talvez mais, decidir qual o *eu*, entre tanto, que podemos ser agora”.

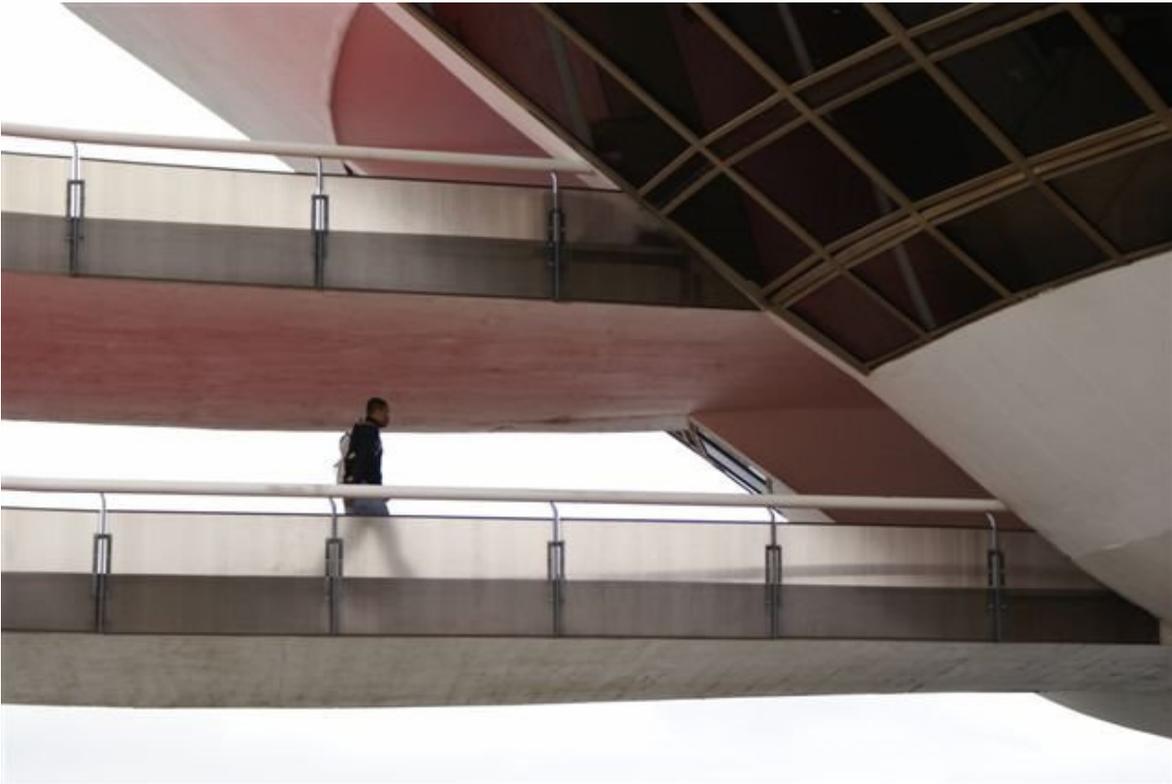
Sendo assim, o que Melucci chamará de identificação vem a ser o processo de construção de identidade de cada parte que constitui um indivíduo, tornando-o, assim, um *eu múltiplo*. “A identidade é então um processo de constante negociação entre as diversas partes do eu, tempos diversos do eu e ambientes ou sistemas diversos de relações, nos quais cada um está inserido.”

Dessa forma, não se torna possível falarmos de processo de individuação sem considerarmos as relações que os indivíduos estabelecem com os condicionantes e transformações sociais, por mais que cada um tenha o acesso e a resposta a estes fatores de maneiras particulares. (Carrano, 2009) Contudo, jovens de espaços populares, que são objeto de estudo desta pesquisa, apesar de dividirem uma posição social comum, constroem trajetórias biográfias diferenciadas. Em um jogo de interação e adaptação, eles conferem um sentido próprio às condições que se apresentam às suas vidas.

No entanto, inserir-se em redes sociais se torna condição para que o sujeito possa se individuar. Pois será a partir da relação entre estas redes e os “recursos subjetivos que os indivíduos conseguem articular para que se sustentem a si mesmo”, que serão constituídos os suportes, que podem ser materiais ou simbólicos, necessários ao processo de individuação de cada um. (Martuccelli, apud Carrano, 2009)

Vale ressaltar que nem todos os suportes garantirão êxito ao processo de individuação. Alguns suportes atuam com o caráter de tutela e, conseqüentemente, criam

relações de dependência, o que pode vir a impedir a construção de um sujeito autônomo. Para que isso não ocorra, faz-se necessário a percepção mais ampla dos suportes, em que estes possam ser articulados e construídos pelos próprios indivíduos.



Telto entrando no Museu de Arte Contemporânea.  
Foto de Patrícia Abreu

## **Análise biográfica de Telto**

No período das entrevistas, Telto tinha vinte e quatro anos e já havia concluído, concomitantemente ao ensino médio, o curso de formação de professores. Era morador do Morro do Palácio, onde morava sozinho desde quando seu irmão se casou e saiu de casa. Na mesma comunidade, Telto freqüentava, assim como sua namorada, uma igreja evangélica.

Ao se apresentar, no primeiro dia de entrevista, Telto logo releva a presença da comunidade na sua vida, pois se define como morador do Morro do Palácio, onde é obrigado a conviver com várias questões neste local desde seu nascimento. Fala também um pouco do seu cotidiano, ao afirmar ser uma pessoa tranquila, que gosta de ficar em casa, ler, estudar, praticar esportes. Mas logo ressalta novamente sua relação com a comunidade ao acrescentar que em seu cotidiano se vê como “um multiplicador na comunidade, fazendo trabalho de formiguinha, mas sempre passando uma mensagem para as pessoas”.

Quando pequeno, vivia mais dentro de casa, não podia brincar na rua como as outras crianças devido os cuidados do pai que, segundo ele, tinha “o medo de todo pai de dentro da comunidade de amanhã ou depois perder seu filho pro tráfico, perder seu filho pra vida errada”. Exemplifica dizendo que para que não desejasse ir jogar fliperama, seu pai “se matou de trabalhar e me deu um vídeo-game”. Até tinha alguns amigos vizinhos, mas a maioria, mesmo sendo da comunidade, eram amigos da/na escola.

Telto afirma que pelo fato de ter uma infância tal como descrita acima, viu-se obrigado a criar outras alternativas, o que acabou lhe dando vazão à criatividade. “Já que não podia sair e tal, aí inventava algumas coisas lá, umas brincadeiras malucas, lá”.

Ao ser perguntado sobre seu pai, Telto diz:

“eu tenho certeza que meu pai foi uma pessoa muito importante na minha vida, que ele conseguiu me colocar no eixo. (...) Era aquele cara que me dava as coisas e tal, mas queria saber como é que eu estava na escola, se eu tava estudando bem, (...) quem eram os meus amigos, com quem eu estava andando, o que é que eu estava fazendo. (...) Ele falava que com ele eu ia ter que aprender a ser homem”.

Diz ainda que reconhece que já deixou de tomar algumas atitudes em sua vida, devido esta posição do pai perante sua educação, “apesar de só ter convivido com ele até os onze anos de idade”. Nesta idade, Telto se encontra diante de um dilema: a separação dos pais.

Momento em que não enxerga no pai o “homem” que o havia ensinado a ser. O “ser homem” é definido por Telto como aquele que “teria que ser reto, não deveria trair meus amigos, trair meus princípios, respeitar os valores dos outros, o direito das pessoas”. Para Telto, a separação não teria sido um problema se ele e seus irmãos não fossem tão novos e se não prejudicasse economicamente sua mãe que, naquele momento, já estava aposentada e apresentava problemas de saúde. “Eu acho que homem não é só ter postura e tal, mas também às vezes ter sensibilidade para entender algumas coisas.” Entretanto, Telto diz que depois de mais velho, passou a pensar que esta sua revolta quanto à separação pode ser pelo sonho, que toda criança tem, de ver seus pais sempre juntos.

Hoje, afirma que tem total liberdade de conversar com o pai sobre este assunto e, inclusive, o tem como um grande amigo, “quando eu preciso de alguma coisa, ou quando ele precisa de alguma coisa, nós somos sempre cúmplices”. Quando pequeno, seu pai nunca o obrigou a ajudá-lo, mas sempre o estimulava dizendo “‘pô, vamos na praia, não sei o que, me ajuda lá a pescar’”. Segundo Telto, foi desta maneira que “ele já foi plantando essa semente de trabalho”.

Após a separação dos pais, Telto diz que, por ser o caçula, escolheu morar com a mãe, assim como sua irmã. Seu irmão escolheu morar com o pai e a madrasta. Depois de um tempo, quando o pai cortou a pensão, sua mãe vendia as coisas que tinha dentro de casa para comprar alimentos e remédios. E foi por isso que Telto diz ter tido tantos questionamentos com relação à atitude do pai. Telto não precisou começar a trabalhar para ajudar nas despesas de casa, mas deixou de frequentar a escola para cuidar da mãe por aproximadamente um ano e meio. “Eu tinha medo do meu pai aparecer lá em casa pra saber como é que tava e de repente rolar uma discussão e minha mãe passar mal e tal, então eu primava muito pela vida da minha mãe”. Mesmo assim, uma vez, Telto afirmou ter discutido com sua mãe porque se negou, por vergonha, a pedir dinheiro emprestado a um amigo para comprar um remédio. Tal discussão o levou a morar com o pai por mais ou menos um mês. Mas ao voltar em casa para buscar algumas roupas, Telto diz que conversou com sua mãe e reconheceu que ele deveria pedir desculpas e fazer as coisas para ajudá-la.

Quanto à escola, garante que tinha uma memória boa. Conta que não estudou em creche e passou direto pra a turma de alfabetização porque sabia contar até dez em inglês. Estudou no CIEP e depois foi para o IEPIC (Instituto de Educação Professor Ismael Coutinho), onde estudou da quinta série (atual sexto ano do Ensino Fundamental) até

terminar o segundo grau (atual Ensino Médio). E lembra ainda: “eu sempre fui um bom aluno, no período que eu passei fora da escola os professores ficavam meio preocupados, mandavam recado pelo meu irmão”.

Telto afirma que, mesmo passando um tempo distante da escola, sempre priorizou os estudos e lembra da fala de uma professora que, fazendo uso de um discurso de Leonel Brizola, dizia que a educação é a única herança que as pessoas de baixa renda possuem. “Eu internalizei aquilo ali, eu sempre guerreava, tava sempre militando: escola, escola, escola”. Telto diz ter boas lembranças da escola, local onde fez grandes amizades, inclusive com professores. “Eu acho que a escola foi que deu bases para *tá*, até pra *tá* aguentando demandas da vida.” Além disso, diz que, além de ser um lugar para aprender, a escola para ele era “um lugar de escape”, onde encontrava pessoas diferentes e o “fazia sair daquele âmbito só de favela”. O convívio com pessoas de localidades, famílias e culturas diferentes dentro da escola, visto por ele como algo positivo, expressa a sua representação de que, desde àquela época, já valorizaria a diversidade e a troca de experiências.

Telto conta que, por causa da escola, por volta dos quinze anos, teve muitos amigos do Morro do Estado, apresentado por ele como uma comunidade rival ao seu Morro do Palácio. Compara a relação com estes amigos a uma guerra de torcidas, um dizia que era melhor para o outro, mas ao mesmo tempo diziam que “a gente não vai aqui ficar se matando por causa de uma guerra que não é nossa”.

Quanto à sedução promovida pelo tráfico, Telto diz que “seria ignorância algum jovem falar que isso nunca passou pela cabeça” e cita a invisibilidade discutida em um livro de Mv Bill.

“Com certeza, em determinados momentos, nós somos seduzidos sim, porque você vê um cara que nunca estudou, você vê um cara que aparentemente não é tão bonito assim, e só porque o cara *tá* com uma arma e tal, você vê, o cara tem cinco mulheres. (...) Aí de repente, você olha pra você, você acorda cedo, vai estudar, aí eu olhando pra mim, eu acordo cedo, vou estudar, aí quando eu chego, às vezes eu vou na praia levar o almoço do meu pai, ajudo meu pai a pescar e tal, e aí, será que ninguém me vê?”.

Telto diz que não deixa de falar com os amigos que entram para o tráfico, mas também não pára para conversar porque a polícia ou alguém da comunidade rival pode chegar inesperadamente. Diz que há pessoas que entram no tráfico porque “tava andando na rua, não tinha nada a ver com a história, alguém do morro bateu nele” ou então porque “acha no tráfico a oportunidade de ajudar a família”, mas afirma que essas não são justificativas aceitáveis para a escolha feita.

Em contrapartida, referindo-se à sua trajetória de vida, Telto inventaria os projetos sociais dos quais já participou. Em 1998, participou do projeto Capacitação Solidária, que oferecia um curso de vidraçaria e molduraria, na própria comunidade onde mora. Não era um curso profissionalizante, mas oferecia uma bolsa de cinquenta reais, o que para ele já significava certa independência na medida em que não precisava mais pedir dinheiro aos pais. Em 2000, fez um curso de capacitação profissional no Jacaré, Rio de Janeiro.

“Era pra trabalhar na Caixa Econômica Federal, mas aí, por já estar com dezesseis anos, aí a mulher queria que eu largasse a escola pra eu poder começar trabalhando de manhã e no outro ano, me matriculasse à tarde ou à noite. Mas aí eu conversei com meu pai e tal (...), mas aí eu falei: ‘olha pai, eu acho que valeu a vivência, mas eu acho que não vai dar, não posso largar a escola agora’”.

Trabalhou dois anos no projeto Jovens pela Paz<sup>3</sup>, onde recebia um salário mínimo, e depois, de 2003 até o início 2006, trabalhou em um projeto da Prefeitura de Niterói, que posteriormente se tornou um programa de âmbito nacional, o Agente Jovem<sup>4</sup>. “Aí eu dei aula aqui em Niterói, na Ilha da Conceição, no Serrão, e no Complexo do Cubango, dei uma aula no Centro da Cidade.” Telto diz que participar deste projeto foi muito importante: “onde pude aplicar a questão da minha vida, pois tinha gente de todos os lugares”. Neste projeto, Telto atuou já com vínculo empregatício, desempenhando o papel de “Orientador Social”. Telto lembra que por ter frequentado no Ensino Médio, o curso de formação de professores, ao trabalhar neste projeto, podia aplicar aquilo que havia aprendido em sala de aula.

Mas foi o projeto Arte Ação Ambiental que, segundo ele, teria mudado a sua vida radicalmente. Primeiramente com relação à concentração, devido à necessidade de precisar estar mais atento às artes abstratas, tais como “formas, cores, algumas performances”, para conseguir entender o que cada artista, que expunha seu trabalho no Museu de Arte Contemporânea, está querendo dizer com cada obra. Além disso, Telto afirma que a participação no projeto Arte Ação Ambiental o influencia constantemente em seu cotidiano,

---

<sup>3</sup> O projeto Jovens pela Paz visa transformar jovens em difusores da cultura de paz em comunidades e beneficiar seus moradores com oficinas de esportes, lazer e artes. É desenvolvido em parceria entre a Prefeitura do Rio de Janeiro e o Governo do Estado.

<sup>4</sup> O Agente Jovem é uma organização não-governamental auto-sustentável que atua em função da capacitação e qualificação profissional de adolescentes, jovens e adultos desfavorecidos socialmente, educacionalmente e economicamente, além de visar a difusão de tecnologias e mecanismos necessários ao desenvolvimento de micro e pequenas unidades produtivas.

“desde combinações de cores para você sair e tal, pra botar uma roupa, pra decorar alguma coisa na sua casa e tal, até (...) a bagagem social, né”.

No período das entrevistas, Telto era um dos jovens que continuava integrado ao projeto Arte Ação Ambiental promovido pelo Museu de Arte Contemporânea. Sua participação se dava por meio da sua atuação como monitor no setor de Pesquisa e Educação no museu, com a oferta da Oficina de Papel Reciclado no Morro do Palácio, onde mora, e como agente educador em Vigário Geral, no Rio de Janeiro. “Se você me perguntar qual é a minha profissão, eu falo “pô, não sei”. Eu acho que eu sou um bem intencionado que consigo ganhar a vida fazendo essas coisas, trocando essas experiências.” No entanto, com essas experiências em diferentes projetos sociais, acaba sendo inevitável a projeção de sua vida profissional direcionada para esta área. Até mesmo porque foram os conhecimentos e habilidades que adquiriu ao longo de sua trajetória por projetos sociais que ampliaram sua rede de contatos e oportunidades de novos trabalhos. Desta maneira, Telto faz da sua vida profissional o que Carrano e Leão (2009) vão chamar de “empreendedorismo social”, pois vive os mesmos dilemas de um trabalho autônomo, como “precariedade em relação aos vínculos profissionais, imbricação entre tempos de lazer e trabalho e auto-responsabilização em termos de desempenho”.

Além dos trabalhos desenvolvidos em projetos sociais, Telto também atua como líder dos jovens da igreja evangélica que frequenta e como voluntário em uma feira de produtos orgânicos promovida pelo Ponto Org, em Icaraí.

Telto demonstra constantemente seu interesse e preocupação em “fazer a sua parte” na sociedade quando fala do seu prazer em ajudar ao próximo por intermédio dos trabalhos e projetos que executa, seja dentro ou fora da comunidade, seja com um amigo ou um desconhecido. Mas revela que espera poder retribuir às expectativas das pessoas que acreditaram em seu potencial e o “colocaram” no Museu de Arte Contemporânea ao dizer que tem “medo de falhar”, de não corresponder às suas expectativas. Segundo Carrano e Leão, esta resposta de Telto se dá porque

“geralmente esses programas tendem a transmitir aos jovens pobres a idéia de que são obrigados a dar contrapartidas aos benefícios recebidos, reforçando a idéia dos projetos como dádivas em contraposição à noção de direito. Por outro lado este seu comprometimento pode estar associado também à necessidade de preservar o lugar de confiança conquistado, preservando assim o seu vínculo com uma rede de educadores e as oportunidades de trabalho que isso proporciona”.

Entretanto, no Ponto Org, Telto afirma que colabora voluntariamente porque se identifica, mesmo que, na verdade, seja mais pelo simples fato de estar ajudando do que pela idéia promovida pela ONG.

Telto afirma que tudo pelo que teve que passar o ajudou a amadurecer precocemente. “Minha infância foi um pouco atropelada pra eu poder ter essa maturidade e esse discernimento pra tentar entender as coisas, até pra tomar determinadas decisões”. Na sequência desta afirmação, relembra a atitude do pai, mostrando ser o momento em que esse “pisou na bola” o mais difícil pelo qual passou e acrescenta dizendo o que pensava:

“caraca, meu, esse aí é meu pai? (...) mas é até bom para entender que não existe super-homem, que não existe super-heróis, todo homem é passível de erro, falhas e tal. Aí que eu fui entender também que por mais que seja meu pai, que seja qualquer pessoa, todo mundo pode errar uma vez na vida. Só que eu não queria dar o braço a torcer que aquela pessoa que *tava* errando, era aquela pessoa que eu depositava toda a minha confiança, que era meu pai, mas aí eu entendi depois”.

Telto afirma que quando não encontrou mais em quem se apoiar, acabou procurando alguma coisa que *estivesse acima dos homens*. E foi assim que, segundo ele, quando já “barbado”, teve primeiro um encontro com Deus, para posteriormente procurar pela Igreja, que para ele é “uma denominação cristã (...) onde tem um dogma, tem uma doutrina, tem uma associação de pessoas e tal que tentam viver num comum acordo e uma filosofia de vida”, enquanto que Deus é “um ser que ultrapassa tudo isso, Deus não está entre quatro paredes, dentro de um livro”.

Em contrapartida a um cotidiano muito agitado – pois precisa dar conta dos compromissos com os projetos, com a igreja, os amigos, a namorada – Telto usufrui da possibilidade de morar sozinho. “Quase nunca *tô* em casa, mas quando estou é um lugar muito tranquilo”, onde consegue relaxar, se concentrar, ler um livro ou assistir a um DVD, diz ele. Mas na verdade, a opção de morar sozinho foi feita quando seu pai decidiu se mudar do Morro do Palácio. Telto afirma que fez esta escolha porque enxergou nesta opção a possibilidade de continuar fazendo as mesmas coisas. “Eu acho que eu posso ajudar as pessoas e me ajudar também. Eu acho que eu posso crescer e tal, profissionalmente, ou até mesmo como pessoa, como ser-humano”. Enquanto que “se eu fosse morar com meu pai isso não aconteceria. Estaria lá ajudando meu pai, ia *tá* sendo o filho do pescador.” E acrescenta:

Eu acho que essa questão de você estar ajudando essas pessoas, eu acho que é um crescimento maior que você estar ajudando só a você mesmo. Eu acho que quando você

está desempenhando um trabalho que vai ter um resultado na vida de uma pessoa, mas na sua também, eu acho que aí que é o verdadeiro crescimento.

Desta maneira, apesar de reconhecer os problemas que enfrentaria ao continuar morando no morro e se distanciar geograficamente da sua família, o que Telto enxergava, ao realizar esta escolha, era sua permanência em um lugar de maior campo de possibilidades, onde considerava ser mais provável dar continuidade aos estudos e se realizar profissionalmente.

## Telto e seu Modo de vida

Telto desempenha diversos papéis em diferentes locais e circunstâncias ao longo de toda a semana. No Museu de Arte Contemporânea é estagiário de arte e educação. “Eu tô lá (...) trabalhando no espaço educativo, recebendo e mediando grupos e fazendo trabalhos internos”. É também monitor da Oficina de Papel Reciclado Artesanal, onde dá continuidade ao projeto Arte Ação Ambiental junto à comunidade do Morro do Palácio. À igreja, Telto reserva as noites de domingo, terça, quinta e sexta. Além disso, trabalha como voluntário no Ponto Org aos sábados, até por volta de quatro horas da tarde, onde diz que

“É meio complicado, eu faço meio de tudo, eu chego lá, eu armo a feirinha e tal, ajudo, fico lá meio que no caixa, recebendo, fico lá mostrando os produtos (...) e também como recepcionista e vendedor e se tiver alguma questão sobre algum fornecedor eu tô lá pra explicar”.

Esta heterogeneidade não se refere apenas às atividades, Telto se sente pertencente simultaneamente a uma multiplicidade de grupos sociais, o que o faz precisar saber qual distanciamento de cada tempo interior com o tempo social. O que nos remete à multiplicidade do eu, interpretação proposta por Melucci. O que não significa que estejamos nos referindo a um eu fragmentado, mas sim a um indivíduo que se constitui conscientemente enquanto sujeito de ação diante de várias possibilidades. Como nos afirma Simmel (apud Velho, 2003), “o trânsito intenso e frequente entre domínios diferenciados implica adaptações constantes dos atores, produtores de e produzidos por escala de valores e ideologias individuais constitutivas da vida moderna”. Desta maneira, a participação de Telto em mundos diferenciados o faz desempenhar seus múltiplos papéis velando-o ao desenvolvimento de um elevado potencial de metamorfose (Velho, 2003), ou seja, maior capacidade de mudar de papel de acordo com o contexto.

Além do mais, para Velho, Telto pode ser definido como *mediador cultural*, pois atua como intérprete e transita por diferentes segmentos e domínios sociais.

Telto afirma que gosta de ir a todos os lugares que costuma frequentar ao longo da semana, mas que algumas vezes gostaria de permanecer todo o dia em sua casa, ou ainda no Museu de Arte Contemporânea, ou então na casa da sua namorada. Confessa: “aprendi a amar cada um desses espaços”. Mas esclarece que é na igreja onde tem a oportunidade de encontrar muitas pessoas, de conhecer muita gente nova, além de ser o lugar onde tem uma

afinidade maior, onde as pessoas são mais próximas e “por eu morar sozinho (...) é onde eu tenho mais interação”.

Na igreja, atua como representante do grupo juvenil. Quanto à sua atuação, afirma:

“Ah! É muito complicado. Lidar com jovem em si é complicado. A galera que a mente ainda, não são tão maduras quanto pensam que são, mas já deixaram de ser criança, não querem cumprir as responsabilidades dos adultos. (...) Então para você lidar com uma galera que está com os hormônios à flor da pele, principalmente numa linha evangélica é um pouco complicado, mas eu tenho tentado o máximo, com bastante calma, bastante cautela, conversando bastante, porque eu acho que o diálogo é tudo.”

Além dos compromissos pré-definidos na sua semana, Telto por vezes vai a encontros, passeios, reuniões, por conta do seu envolvimento com a igreja. Cita a visita a uma nova congregação, no bairro Vital Brasil, onde diz que “foi bom, tranquilo, tinha muitas coisas novas. Toda a juventude da igreja foi”. Este dia consiste em uma oportunidade, assim como comumente acontece, de Telto se reunir com outros jovens da igreja em lugares diferentes, fora da comunidade.

Segunda-feira é o dia que Telto aproveita para ficar “de molho”, mas afirma que às vezes um dia é tempo suficiente para cansar “de fazer nada”. Completa dizendo que “é o dia que eu me dedico mais para mim, quase não saio de casa”, que é como um domingo e às vezes aproveita este dia para ajudar um menino da Igreja que tem dificuldade de ler a Bíblia e precisa de reforço escolar.

Sendo assim, sobra pouco tempo para se dedicar à sua vida pessoal, inclusive à namorada. Já que ela trabalha de segunda à sexta e tem apenas os finais de semana livres, quando Telto continua envolvido com seus compromissos, trabalhando sábado no Ponto Org e domingo no Museu de Arte Contemporânea.

“Nós temos o sábado [à noite] pra tá nos resolvendo, vendo, saindo, procurando alguma coisa pra tá fazendo. Sempre tento escolher um programa, fazer alguma coisa, ou às vezes nem fazer nada, fazer em casa. Às vezes a gente sai assim na rua, mercado assim, compra alguma coisa e vai pra casa dela, cozinha”.

Acrescenta que como, geralmente, utilizam muito tempo para resolverem o que querem comprar, costumam ir aos mercados mais próximos de onde moram, no bairro do Ingá. Telto afirma que gosta de cozinhar e diz que aprendeu porque, quando novo, precisava ajudar a mãe quando estava doente e depois porque “ficou morando dois homens na mesma casa, eu e meu irmão, aí nós tínhamos que cozinhar e fazer as coisas de casa, as tarefas. Aí nós fomos aprendendo”. Com isso, Telto conta que sua namorada acaba aproveitando um pouco a situação:

“Às vezes quando ela chega, ela vai lá na casa dela e tal, ela chega do trabalho e *tá* com fome e ela olha na casa dela e de repente não tem uma coisa que ela gosta de comer, aí ela pergunta logo: ‘amor, o que que tem na sua casa pra comer?’ Ela falou que gosta mais da minha comida.”

Além do mais, Telto diz que gosta de acompanhar a namorada em passeios ao shopping, mas que às vezes fica pensando: “pô, nós só temos esse tempo, nós temos que aproveitá-lo, de repente, não sei, deixa pra comprar em outra situação, vamos se curtir”.

Assim também é com relação aos amigos: escasso é o tempo que Telto pode dedicar a eles. Geralmente, após o culto da igreja, se reúnem para conversar e, também, para preparar algo para comer. Mesmo assim, não são todas as vezes que Telto tem disposição de ficar mais tempo depois do culto. Ele conta de uma terça-feira que queria muito ir para casa após o culto, mas foi convencido pelos amigos de não ir embora imediatamente. Entretanto, confessa que sua decisão de ficar mais um pouco foi influenciada pela chegada inesperada de sua namorada que não estava trabalhando naquela noite. Com exceção deste dia, Telto constantemente diz que gostaria de permanecer mais tempo com os amigos, mas que na maioria das vezes há um compromisso em seguida que não pode deixar de ir e que por isso não pode ficar.

Sendo assim, Telto fala ter uma rotina muito cansativa, tendo que, algumas vezes, sair de um local correndo para outro ou até mesmo chegando a passar noite sem dormir o suficiente. Por conta de uma destas noites, afirma, certa vez, que o domingo de trabalho no Museu de Arte Contemporânea havia sido bom porque o museu estava vazio. Em outro momento, conta que chegou tão cansado em casa que ficou feliz quando soube que não teria culto. E lamenta: “eu passo pela praia pra ir pro MAC, mas eu não posso ir pra praia por causa do meu horário, entendeu? (...) Eu olho pra praia e digo: ‘qualquer dia eu vou aí, você vai ver, eu vou *tá* aí’”. Entretanto, Telto afirma que há possibilidade de ir à praia, mas que para isso teria que mudar todo o seu cronograma.

“Eu ia ter que dormir mais tarde, ia ter que preparar o almoço e tal, essas coisas. Acordar mais cedo e ir pra praia, tipo, correr, dar uma corrida que eu gosto, de vez em quando dar uma nadada e tal e depois voltar, tomar banho e ir pro museu.”

Telto conta que começou a usar uma agenda quando percebeu que sua vida estava abarrotada de compromissos, que começaram a surgir por conta do seu envolvimento com o museu e a igreja. A princípio, Telto usava a agenda como um diário, mas com o tempo passou a precisar usá-la para anotar seus compromissos. Mas gosta de escrever na agenda

não apenas para lembrar as coisas que precisa fazer e organizar o seu tempo, mas também porque gosta de reler para verificar onde pode melhorar.

Se lhe falta tempo para a namorada e para os amigos, mais ainda falta para dar atenção que gostaria à família. Telto diz que quando sua irmã Andréia morava em Santa Rosa era mais fácil de vê-la. “Eu saía do trabalho passava lá, essas coisas. Ela freqüentava bastante a minha casa.” Mas agora ela está morando em São Gonçalo, próximo à casa do seu outro irmão. Telto diz que frequentemente combina alguma coisa, “mas aí surge outra parada que eu não posso deixar de fazer, (...) e nisso, já tem uns quatro meses que eu não vejo a minha irmã”.

Telto fala que a família liga reclamando que ele está isolado, sozinho. Mas responde dizendo que tem que correr atrás, tem que sobreviver:

“Tenho que priorizar algumas coisas na minha vida. Amo muito meus irmãos, mas tem que entender. Assim como eu entendo também, da mesma maneira como eles não podem vir até mim, tão resolvendo a vida deles”.

Para ir até a casa do seu pai, Telto diz que poderia pegar um ônibus que iria direto para a casa dele saindo da rodoviária de Niterói. Mas acaba pegando uma barca ou um ônibus para ir à rodoviária Novo Rio (no Rio de Janeiro) onde pode pegar um ônibus mais barato, apesar deste percurso demorar mais tempo. Telto diz que sempre que pode vai à casa do pai, “eu ajudo lá a pescar e tal que eu acho legal, eu gosto muito desse contato com a natureza, principalmente com o mar, eu gosto bastante.” Diz também que quando vai à casa do pai,

“gente sai, se diverte, questão de pai e filho que nós não tivemos tantas vezes essa oportunidade por meu pai *tá* sempre trabalhando, então eu acho que agora a vida *tá* proporcionando esses momentos. (...) Então quando eu *tô* lá a gente vai junto pro mar, vai remando, eu remo um pouco e ele rema, eu ajudo um pouco e tal. Eu acho isso importante. Meu irmão também, quando meu irmão *tá* lá sai os três juntos, é muito legal”.

Mesmo afirmando gostar muito da companhia do pai, de ajudá-lo, de recuperar momentos não vividos na infância, Telto reafirma que não pensa em não morar no Morro do Palácio. Lembra de quando seu pai o chamou para morar junto com ele, mas não aceitou por enxergar nesta oportunidade mais do que uma chance de estar junto da família. Compreendia que

“Lá eu seria só aquilo, entendeu? Eu só teria possibilidade de repente ser uma coisa. Com todo respeito à profissão, mas eu seria o filho do pescador, entendeu? Nem pescador eu seria, seria o filho do pescador.”

Enquanto que no Morro do Palácio, onde nasceu, cresceu e continua vivendo, acredita poder abranger ainda mais as redes de amizade e profissionais que construiu até então.

“Aqui, eu não sei, posso correr atrás, posso ser alguma coisa. Aqui eu sou o monitor, aqui eu sou o solteiro que cuida da casa sozinho, aqui eu sou o estagiário. Já mudou bastante pra mim, entendeu? Do que eu ser o filho do pescador. Aqui eu sou o menino do Ponto Org que vai lá, eu sou o rapaz que coordena a juventude da igreja”.

Desta maneira, segundo Giddens (Apud Pais, 2007), Telto constrói sua *biografia reflexiva*, aquela do tipo “faça você mesmo”, em despreendimento de destinos pré-fabricados. Além disso, para o autor, declarar independência dos pais é um modo do indivíduo modificar sua narrativa do *eu*.

Entre tantos compromissos, Telto precisa tomar decisões que acabam sendo implicadas pelos meios que circula. Pode-se, assim, ver sua vida pessoal, sua vida profissional, sua vida religiosa, suas redes de amizade, todos entrelaçados em um grande nó nos momentos em que precisa adotar alguma atitude. Como exemplo, Telto se vê diante de um dilema ao perceber que deverá escolher quais pessoas participarão de um momento muito importante da vida: seu noivado. Por um lado, há pessoas na igreja que não são tão próximas para convidar para um momento íntimo como este, mas que poderiam não entender sua decisão e ficarem chateadas por não terem sido chamadas. E por outro lado, tem amigos que não são da igreja, mas que fazem parte da sua vida. No entanto, não se sente seguro em convidá-los por não saber como será a reação de seus amigos e das pessoas da igreja. Telto afirma que “o peso é total, mas que as pessoas devem ter maturidade para perceber que existem afinidades”. Por fim, Telto diz que resolveram fazer um almoço, em casa, para a família e os amigos e um bolo, na igreja, na tentativa de agradar a todos.

Da mesma maneira, as muitas partes da vida do Telto se entrelaçam quando o assunto é a possibilidade de inserção em uma universidade. Para ele, esta é uma questão de renúncia, porque sua prioridade no momento é a igreja. Até mesmo porque, segundo ele, é nela que se apóia devido a distância da família.

Telto diz que para conseguir entrar em uma universidade, precisa antes cursar o curso pré-vestibular, e para isso, teria que comprometer todas as noites da sua semana por dois motivos: em primeiro lugar porque durante o dia trabalha, portanto seria o tempo que disporia para estudar; em segundo lugar porque é justamente neste horário que os cursos pré-vestibulares geralmente são oferecidos. Entretanto, afirma que o horário noturno é

dedicado à igreja e que não abre mão disso. Contudo, a priorização do seu compromisso com a igreja e fato de se envolver em diferentes tarefas ao longo da semana acarretará no sacrifício de seu projeto futuro. Desta maneira, Telto está dedicando-se ao presente e abdicando do futuro como resposta à situação dilemática no qual se vê. (Melucci, 2002)

Telto diz que todos, inclusive os amigos do museu e da igreja, assim como o pastor, o incentivam a cursar uma faculdade. Mas demonstra que ainda não encontrou uma solução para esta questão. Não afirma que não vai conseguir, mas diz que “seria um desastre não entrar na faculdade”. Admite que estaria enterrando seu talento e diz que pergunta para si mesmo: “por que você ainda não está na faculdade?”. Desta maneira, Telto evidencia encontrar-se diante da questão proposta por ele mesmo: “como ser cristão sem deixar de ser eu mesmo?”. Ao mesmo tempo em que reconhecia seu potencial para ingressar no ensino superior, sua trajetória escolar relativamente bem sucedida e ser uma pessoa estudiosa, Telto se deparava com os limites de suas possibilidades. Para que se alcance o equilíbrio pessoal, faz-se necessário que se tenha uma passagem fluida entre o ritmo pessoal e o ritmo social. Caso contrário, esta diferença de ritmos pode desencadear transtornos ou sofrimentos, como vem acontecendo com Telto diante do dilema de tentar ou não cursar o nível superior.

Melucci afirma que “o excesso de possibilidades que nos são oferecidas excede amplamente àquilo que podemos realmente viver, e nossa vida cotidiana está abarrotada de possibilidades para as quais não temos resposta”. Assim, o tempo se torna escasso, o que nos faz sempre deixar algo por fazer, remetendo-nos ao sentimento de frustração, já que o que não escolhemos é sempre maior do que o que podemos escolher.

A despeito disso, Telto conta que encontrou uma amiga que frequentou o curso de formação de professores na mesma turma que ele e, conversando, concluíram que os colegas da escola na qual estudaram e que conseguiram entrar na universidade, foram aqueles que tinham o apoio e a presença da família constante.

Telto afirma que tem seus sonhos e suas metas e que não pode abrir mão disso por nada. Na tentativa de se expressar, explica que se sente vivendo a “síndrome da vela”. Isso porque enquanto ilumina o caminho dos outros (ao ser o cara prestativo, sempre disposto a ajudar, dentro e fora da igreja ou de projetos sociais), consome-se. Além disso, a vela só é utilizada quando necessário; quando não está iluminando o caminho de alguém, está guardada em uma gaveta. Contudo, afirma: “Eu não quero ser vela, não. Não quero só ajudar as pessoas e definhar, não”.

Nascimento (2009) em sua dissertação de mestrado sobre jovens de cursos pré-vestibulares populares que almejam cursar uma faculdade, afirma que “para a grande maioria não existe verdadeiramente uma escolha, mas uma adaptação, um ajuste às condições que o candidato julga condizentes com sua realidade e que representam menor risco de exclusão”. Assim acontece com Telto que se vê fazendo suas opções de acordo com o que julga mais apropriado diante da sua realidade, do contexto no qual se encontra naquele momento.

Pode-se observar que Telto gosta de ajudar as pessoas e dedica seu tempo a isso envolvendo suas atividades cotidianas para este fim, estabelecendo uma relação de complementaridade entre a sua atuação como educador e como membro da igreja.

“As pessoas que eu não consigo resgatar dentro de um projeto social, eu consigo resgatar, de repente, através da igreja, e vice-versa, às vezes a pessoa que eu não consigo resgatar através de um discurso cristão, mas eu consigo resgatar através de um discurso social”.

E acrescenta:

“Quando a gente consegue recuperar alguém que tá no tráfico, ou alguma coisa assim, pra dentro da igreja ou pra dentro do Projeto Arte Ação, aí é o ápice, assim, eu fico, me sinto realizado. Acho que é mais ou menos por isso que eu não fui para a casa do meu pai”.

Para Telto, atingir os objetivos de um projeto direcionado para o coletivo aparece como condição básica para a realização de seu projeto individual, desta maneira, satisfaz-se.

Mesmo assim, Telto afirma que pensa ser ainda muito pouco o que consegue fazer e o que considera mais difícil é o fato de ser visto como exemplo, por saber que está a todo o momento sendo observado, tanto por ser cristão, como por integrar o projeto Arte Ação Ambiental, mas principalmente por ser uma liderança. “Você pode estar dando margem para outras pessoas errarem”.

Contudo, Telto constrói uma grande rede de relações que se entrelaçam ao desempenhar diversos papéis em diferentes situações. Além de ser o jovem que teve sua trajetória de vida entrelaçada a projetos sociais desde muito cedo, é o jovem-líder evangélico, é o amigo-referência dentro e fora da igreja, é o jovem-independente que mora sozinho, é o jovem-noivo. Seus depoimentos dão a entender que ele tem consciência de que é na relação entre estes muitos *Teltos* que ele se constitui cotidianamente enquanto o Telto.



Jeferson dando aula de papel reciclado no CAPS.  
Foto de Patrícia Abreu

## Análise biográfica de Jeferson

Na época da pesquisa, Jeferson morava com seu irmão, sua prima e o namorado dela no Morro do Palácio. Estava cursando primeiro ano do ensino médio, pela educação de jovens e adultos em uma escola pública, próximo à comunidade. Tinha vinte e seis anos e trabalhava em lugares diferentes ao longo da semana, porém com o mesmo objetivo: reciclagem de papel.

Ao se apresentar, Jeferson esclarece que seu nome é Josemias, mas enfatiza que gosta mesmo de ser chamado de Jeferson. Explica que esta confusão de nomes se dá pelos desejos diversos de membros da sua família no momento de registrá-lo. Além disso, identifica-se como “cria do Palácio”, nascido e criado na mesma comunidade onde mora até hoje.

Jeferson explica que quando brincava com seu primo, com aproximadamente um ano de idade, machucou-se com um pedacinho de madeira e acabou perdendo a vista esquerda. Quanto ao acidente, acrescenta: “mas só que não me atrapalha em nada. Só fico meio chateado *que tem* pessoas meio preconceituosas, não liga pelo que tu *é*, liga pela aparência”. Conta ainda que “na escola, pessoas ficavam me zoando, botando vários apelidos como cego, caolho, de um olho só. No início eu não gostava, depois, deixa pra lá. Eu não *tô* perdendo nada. Já perdi a vista, que se dane”.

É na comunidade onde Jeferson apresenta sua maior referência quanto à infância.

“Tudo o que eu fiz de bom e de ruim foi lá. Lá que eu joga futebol, lá que jogava bola de gude e jogo ainda (...), lá que eu solto cafifa (...). Lá que eu tenho meus amigos, lá que eu tenho a minha família, lá é o meu Palácio. Lá que eu me divirto, lá que eu choro, lá que eu brigo, lá que eu brinco, isso, caminhando vai, caminhando e cantando”.

Mesmo quando sua mãe, que considera ser “a maior família de todo o mundo”, se mudou da comunidade, Jeferson optou por continuar morando no mesmo lugar, tanto pelos amigos e familiares que moravam perto, quanto por ser o Palácio o local onde havia construído a sua profissão. O seu lugar de origem era o lugar que fazia sentido a ele. O Morro do Palácio era o lugar onde ele já havia construído “uma vida cotidiana comum através das interações, experiências e trocas”, acompanhando, desta maneira, as diferentes mudanças que podem ocorrer no seio familiar. (Ramos, 2009) Partir significaria não apenas mudar de lugar, mas também mudar as relações com seus familiares.

Além do mais, permanecendo no morro, Jeferson pôde ter a experiência de morar sozinho, pois seu irmão na época tinha apenas dezesseis anos de idade e sua mãe não o deixou ficar. No momento das entrevistas seu irmão já havia voltado a morar com Jeferson, mesmo este estivesse em desacordo com algumas atitudes do irmão:

“Meu irmão prefere os amigos de que a família. Porque meu irmão gosta de beber, não é cachaça e coisa assim não, gosta de beber cerveja, prefere ficar bebendo com os amigos dele de que ir pro aniversário da mãe. Domingo teve o aniversário da minha mãe, meu irmão não foi, fiquei meio com raiva dele, querendo pegar ele. Mãe é mãe!”

Quanto ao pai, Jeferson diz que também mora na comunidade, com a ex-esposa do seu tio, com quem teve mais três filhas. “Convivo com meu pai normalmente, como com a minha mãe e *tô* normal, separado ou não, é normal dos dois lados.”

Apesar de ter tido que enfrentar a separação dos pais quando mais novo e hoje atitudes do irmão com as quais não concorda, Jeferson evidencia a todo o momento a importância que a família tem em sua vida. Para justificar esta afirmação, diz que quando “as pessoas tão em crise financeira, em crise até no amor, coisa assim, vai chorar, no ombro do pai, no ombro da avó, dos tios, coisa assim, vai procurar a família”.

Entretanto, Jeferson lembra que “tem amigos que é mais família do que pessoas da família”, assim como as pessoas que fazem parte do grupo de amigos com o qual cresceu.

“O grupo, são jovens, nascidos e criados juntos. Antes de nós nascermos, nossos pais já eram amigos e fomos crescendo juntos e formou um grupo que algumas pessoas que não faz parte desse grupo, assim, fala que é panelinha, que é eu, Telto, Douglas, o Marcão, tinha o Luizinho, que faleceu, tem o Erasmo, que foi morar com a mulher em outro lugar, tem o Paulo, que *tá* preso.”

Jeferson afirma que estes são seus amigos verdadeiros, por que quando um precisava o outro sempre estava presente. E acrescenta que grupos de amigos que hoje são formados como foi o seu não apresentam mais esta relação de confiança e cumplicidade. Desta maneira, Jeferson considera ser mais fácil, atualmente, conseguir um milhão em dinheiro que encontrar uma verdadeira amizade, filosofia.

Mesmo tendo tido a oportunidade de construir fortes laços de amizade, Jeferson confessa que houve traição dentro do grupo, mas afirma ser esta uma questão superada. Além disso, também dentro do grupo, precisou enfrentar a perda de um amigo em decorrência de envolvimento com o tráfico dentro da própria comunidade. Jeferson diz que “até hoje sente, todo mundo sente, porque era dos amigos de todos, ele [era] o que animava mais o grupo, que brincava com todo mundo, zoava”. Não obstante, conta que este amigo,

assim como Telto e outros amigos do grupo, em uma determinada época, montaram um grupo de funk que chamaram de “Arreia Calcinha”.

Quanto à vida no tráfico, Jeferson afirma acreditar que ninguém é levado.

“Nós, moradores de comunidade, nascido e criado na comunidade, *tá* vendo aquilo é o que acontece na comunidade todo dia, é pessoas morrendo, é pessoas levando pancada porque... pancada ou da polícia ou do bandido. Dos bandidos porque, se errar com o bandido, vai apanhar, e se for pego pelos polícia, vai apanhar. Polícia hoje em dia não pega e leva preso. Pega, bate e pede alguma coisa pra soltar. Pra mim, ser bandido é apelar pra vida, é pessoa... sem noção. Ver pessoas morrendo, ah não, pra mim é vida de otário. Vida de bandido é vida de otário.”

Jeferson diz que prefere continuar com a vida que tem, pois, mesmo com pouco dinheiro, se diverte, pode sair e chegar onde quiser, não precisa correr de polícia. Por isso, afirma que nunca se sentiu tentado a entrar para o tráfico. E acrescenta:

“Eu não sendo bandido, tenho vários diplomas, dou aula de reciclagem de papel, *tô* dentro do MAC, que é difícil, assim, pessoas de comunidade viver em local assim, frequentar museu. Eu conheci vários artistas, fui em festa de prefeito, do Jorge Roberto. E se eu fosse bandido, eu iria para esses lugares? É ruim! Deixa do jeito que eu *tô*, que eu *tô* ganhando mais.”

Com relação à escola, Jeferson fala que só se lembra dos momentos de zoação. “Nunca fui bom aluno, repeti quatro vezes a quarta série por bagunça, zoação”. Diz que depois cursou (do quinto ao nono ano do Ensino Fundamental) o supletivo no IEPIC (Instituto de Educação Ismael Coutinho). E avalia que nesta escola foi um bom aluno porque não tinha muitas oportunidades de jogar bola. Mas confessa que quando isso acontecia, deixava o professor dando aula e ia para quadra.

“Eu tenho vergonha de falar, falar que eu *tô*, que repeti cinco vezes, por quê? Porque eu repeti de palhaçada minha. Chegava o meio do ano, eu desistia, eu queria saber só da quadra. Sou ruim de futebol, mas eu gosto. Queria saber só da quadra.”

Jeferson explica que o que o incentivou querer voltar a estudar foi uma discussão que teve enquanto brincava de futebol na comunidade. Por causa de um desentendimento, onde seu colega lhe disse: “pelo menos eu tenho dois olhos e você tem um”. Jeferson conta que respondeu: “pô, tenho um e sou professor de reciclagem, e você trabalha na obra”. Jeferson afirma reconhecer que se decepcionou com a própria resposta, mas conta que mesmo assim, depois o irmão deste seu colega o procurou dizendo: “Jeferson, até o momento você não é professor porque você não tem o diploma, você não tem nada dizendo que você é professor”. Em decorrência disso, Jeferson voltou a se dedicar aos estudos e, na

época das entrevistas, cursava o primeiro ano do Ensino Médio na Educação de Jovens e Adultos no Colégio Estadual Aurelino Leal, no Ingá, mesmo bairro onde se localiza a comunidade em que mora. Muitos são os fatores que influenciam na constituição de projetos e, conseqüentemente, de nossa trajetória pessoal. Para Jeferson, o fator transformador nesta ocasião de sua vida foi uma discussão proveniente de um passe errado em um jogo de futebol. Não obstante, neste momento, assim como Telto, Jeferson demonstra ser também autor de uma *biografia reflexiva*. (Giddens, Apud Pais 207)

Se por um lado Jeferson não queria estudar quando novo, por outro, cedo começou a trabalhar. Seu primeiro trabalho foi em 1994, lavando louça em uma pensão. Depois começou a entregar salgados e quentinhas. Depois foi trabalhar colhendo mariscos na praia com um amigo, mas logo percebeu que não se identificava com este trabalho. A partir de então, Jeferson afirma que só trabalhou com reciclagem de papel, atividade que aprendeu a desempenhar ao participar do projeto Arte Ação Ambiental. Entretanto, lembra: “também faço alguns *biquinho*, o que aparecer eu pego, sendo certo, quero é dinheiro”.

Jeferson conta que aprendeu o trabalho com reciclagem de papel com Eliane Carrapatero, professora do projeto Arte Ação Ambiental, do qual participa há nove anos. E acrescenta que, no momento da pesquisa, trabalhava com uma das melhores papeleiras do Brasil, dona Janete Loureiro de Sá, que dá aula no Museu do Ingá, onde ele é o seu assistente. Jeferson diz que deseja ter seu trabalho como papeleiro valorizado assim como o da papeleira Janete que, segundo ele, tem o trabalho reconhecido porque “o papel dela vale, vale bem, e além de fazer papel, ela faz exposição”. Desta maneira, Jeferson demonstra, como consequência do seu envolvimento em redes relacionadas à arte a partir das relações com o Museu de Arte Contemporânea, reconhecer o valor artístico ao material com o qual trabalha, neste caso, o papel reciclado.

Jeferson afirma que seu objetivo é montar o seu próprio atelier de reciclagem de papel. “Ninguém pensa em ser empregado, eu penso em virar patrão. Tipo, não é mandar, porque ser mandado é ruim (...), mas eu gostaria de evoluir, a pessoa tem que evoluir, de empregado, eu quero ser patrão”. E acrescenta:

“Daqui há dez anos eu me vejo com meu atelier, como um grande papeleiro, eu formar meu grupo de papeleiros, que têm pessoas que fez o mesmo curso que eu mas não continuou, têm pessoas que ficam à toa no morro. Eu quero que meus amigos cresçam juntos comigo, todo mundo ser igual, já que é nascido e criado, crescer junto financeiramente também.”

Jeferson afirma que não se considera uma pessoa qualquer porque “pessoa qualquer é quem não tem objetivo na vida. Eu tenho o meu objetivo. (...) Pessoas que não têm objetivo não é ninguém. [E você tem?] Eu tenho.” Contudo, Jeferson confirma assegurando que o importante é priorizar seu objetivo, “só correr atrás que consegue, eu consegui”.

Entretanto, para Leccardi (2005), é fundamental que o sujeito tenha a capacidade de elaborar estratégias cognitivas para controlar o seu tempo, a despeito do aumento de contingências. A autora afirma que para tanto, o sujeito precisa desenvolver “a habilidade de manter uma direção ou trajetória a despeito da impossibilidade de prever seu destino final”. Assim, assegurar-se do futuro, é também uma maneira de controlar a inquietação, ou dúvida, do presente.

## Jeferson e seu Modo de Vida

Jeferson possui sua rotina de trabalho diretamente relacionada à sua participação no projeto Arte Ação Ambiental (que no momento das entrevistas já alcançava dez anos) devido seu aprendizado relacionado à reciclagem de papel. Para Jeferson, “tudo que começou, que começou de bom na minha vida, começa dentro do MAC”, local a partir do qual deu início ao estabelecimento de redes profissionais fora da comunidade.

Na segunda-feira, Jeferson dava aula na Oficina de Papel Reciclado (que é um desdobramento do projeto Arte Ação Ambiental) no Colégio Aurelino Leal, mesma escola onde, à noite, cursava o primeiro ano do Ensino Médio pela Educação de Jovens e Adultos. Entretanto, explica que

“há uma diferença, porque quando eu *tô* na escola pra estudar, eu sou mais agitado, eu fico andando no corredor (...) fico na quadra, mas quando eu *tô* dando aula, lá no mesmo local, ali eu tenho que mostrar, que eu *tô* ali pra ensinar”.

Quanto à oficina que oferece às crianças dentro da escola, antecipa que pretende utilizar o espaço do colégio para dar as aulas apenas até novembro de dois mil e oito, no máximo, quando deve ser concluída a construção do Maquinho (módulo do Museu de Arte Contemporânea que funcionará no Morro do Palácio). Em relação a este módulo, Jeferson diz “que vai ser, eu acho que o melhor lugar pra trabalhar porque eu *tô* dentro da minha comunidade, eu *tô* com as pessoas de dentro da minha comunidade”.

Às terças, Jeferson trabalha no CAPS (Centro de Atenção Psicossocial) localizado no Fonseca, em Niterói. Explica que este “é um lugar que cuida de pessoas, é, drogadas, dependentes químicos e pessoas alcoólatras” e que mesmo sendo uma pessoa agitada, gosta de se relacionar com as pessoas mais velhas. Sendo assim, confessa que é onde mais gosta de dar aula porque “o pessoal do CAPS presta mais atenção, porque além deles trabalharem com papel reciclado, eles trabalham com mosaico, trabalham com colagem de papel, são um pessoal mais artístico”.

Quartas e quintas, Jeferson trabalha no Museu do Ingá assessorando a papeleira Dona Janete. Ele afirma que lá é o local onde pôde ampliar e aprofundar seus conhecimentos referentes à reciclagem de papel que adquiriu pelo projeto Arte Ação Ambiental. “Lá eu trabalho de onze às cinco, sou ajudante dela, bato massa, trabalho com bananeira, tudo que é fibra longa eu trabalho lá.”

Já a sexta-feira, quando não trabalha, Jeferson define como “o seu dia”. Mas mesmo tendo este dia de descanso, ao longo da semana Jeferson possui uma rotina repleta de compromissos, por isso, reclama dizendo que seu

“tempo é muito difícil, porque eu tenho que trabalhar, tenho que limpar a casa, meu irmão tem vinte e um anos, mas tem que cuidar dele porque só faz besteira. (...) Eu sou o mais velho, tudo o que acontece a culpa não é deles, é minha, minha mãe cobra de mim. Nós não moramos com a nossa mãe, então o cara da casa sou eu, tem que prestar atenção”.

Nesta fala, Jeferson expressa sua responsabilidade para com irmão. Entendendo por responsabilidade sua capacidade de reconhecer o que é e situar-se nas relações, ou seja, saber posicionar-se nas relações com outros e de ocupar o seu lugar no mundo. (Melucci, 2004)

Jeferson diz que apesar de trabalhar em vários lugares, não recebe muito bem, “em uns lugares é bom, mas em outro não é muito bom não”. Desta maneira, diz que não é possível custear as contas e a diversão tranquilamente, “tem que usar a cabeça pra conseguir pagar a conta e se divertir. (...) Saio quando tem dinheiro, quando não tenho fico vendo os outros sair, fico meio chateado, mas fico mesmo”. Entretanto, lembra que “com dinheiro no bolso, é todo dia. Eu gosto de bagunça”, afirma se divertindo com o que diz.

Para o lazer, Jeferson elege a praia como o lugar que mais gosta de ir, mesmo não podendo ir sempre por falta de tempo devido os compromissos que tem. “Mas, Nossa Senhora, quando eu era um faz-nada-da-vida, ia todos os dias da semana.” Diz que agora só pode ir aos sábados e domingos, mas acaba não indo porque “como *tá* tendo campeonato de futebol na comunidade (...), tem uma *baguncinha* na comunidade eu gosto de ficar”.

Jeferson diz que gosta de beber para se divertir, “geral bebendo, eu vou beber também”. Afirma que bebe mais na comunidade onde mora porque é onde estão seus amigos, “é melhor beber com amigos do que com pessoas que não conhece, se eu ficar muito ruim, eles estão ali pra me ajudar, tem uns que zoam pra caramba, mas ajuda”. Além disso, acrescenta

“eu posso ter um milhão no bolso, mas tendo festa na comunidade eu fico porque quando tem, tem que dá moral pra comunidade. Vou sair pra gastar dinheiro com gente que nem conheço? É melhor gastar com quem eu conheço. Tudo meu é dando preferência a quem eu conheço. É melhor. É dando que se recebe”.

Jeferson destaca sua afinidade às suas origens na tentativa de redefinir seu pertencimento. Para ele, a definição de origem aparece em termos de lugar que traz essa idéia de pertencimento e de continuidade. Esta é a maneira que encontra de marcar para si

mesmo e para os outros seu vínculo com a comunidade. Neste caso, “a reivindicação de uma pertença a uma região pode esconder uma mudança de pertença social social” (Ramos, 2009). Isso porque, ao afirmar que tem livre acesso no museu e que possui conhecimentos específicos em relação à arte por conta de seu envolvimento com o projeto Arte Ação Ambiental, Jeferson demonstra vincular-se à comunidade mais como “um mecanismo para conciliar uma trajetória social ascendente com uma pertença familiar” (Ramos, 2009).

Jeferson conta que costuma promover festas onde mora, mesmo se queixando que “só porque é festa de pobre, o pessoal acha que tudo que tem na comunidade é festa de bandido”. E relata que, em uma dessas festas que organizou junto com os amigos, a polícia foi até eles e perguntou: “vai rolar o quê?”. Jeferson diz que responderam: “vai rolar funk”, e a resposta que receberam foi: “ó, quatro horas eu vou *vim* aqui, se tiver tocando funk, quebrar tudo e ainda vou meter a porrada em vocês”. Segundo Jeferson, os policiais subiram o morro e foram até a festa conforme o prometido, mas algumas pessoas viram e os avisaram. Então eles colocaram hip hop para tocar e os policiais não puderam fazer nada. Quanto ao que aconteceu, Jeferson comenta: “é assim! E vou descer pra delegacia pra fazer queixa pro amigo deles? (...) Não tem nem como reclamar”.

Entretanto, Jeferson conta que gosta de ir a outros lugares e cita como exemplo “Nova Show, Viradouro, baile da Mangueira, baile do Tuiti, baile do Antares, a Praça São Domingos”. Além disso, gosta também de acompanhar seu amigo Marcão (que também participou da pesquisa à qual esta monografia faz referência) a lugares que não tocam apenas funk, como a Lapa e o Viaduto de Madureira.

Quanto aos amigos “mais antigos”, Jeferson conta que um deles está preso e assim deve permanecer por pelo menos mais cinco anos, outros três morreram, um “está na vida errada”, enquanto outros adquiriram família. Em decorrência disso, Jeferson confessa que por vezes se vê sozinho para sair e que sente falta dos amigos por isso. Não obstante, Jeferson lembra que tem amigos que não costuma encontrar porque moram no Morro do Estado que, por causa da facção à qual a comunidade pertence, é uma comunidade rival àquela em que mora.

Além de amigos, Jeferson conta que tem um irmão de criação que também mora no Morro do Estado. Segundo ele, um “irmão maneiro, mais velho”, mas que

“por causa desse negócio de comando terceiro, ele não pode ir na minha comunidade e eu não posso ir lá. É, porque esse negócio é brabo, se eu subir lá e o pessoal me conhecer, com certeza vai conhecer, porque a pessoa que diz ser dona de lá estudava comigo, era

amigo de escola, mas comunidade é diferente. Vai, se souber que sou do Palácio, me mata lá mesmo. É lá e cá do mesmo jeito”.

Até mesmo porque, como Jeferson nos diz, “nem toda água é pra todos os peixes. (...) Tem peixe de água doce e peixe de água salgada. Bota um no espaço do outro... morre”.

Mesmo gostando muito de sair e valorizando demais as amizades que tem, Jeferson admite que o lugar onde se sente melhor é “na casa da mãe, da minha avó e do meu pai. Porque é minha família”. E explica que isso se dá porque caso aconteça alguma coisa, a família é que protege. Para ele, “onde *tá* a família, *tá* a segurança”. Ainda que sua mãe tenha ido morar em Mundel, em São Gonçalo, e ele tenha optado por permanecer morando no Morro do Palácio. “Saí não, minha família *tá* lá, amo minhas duas avós.” Todavia, Jeferson afirma que

“minha mãe morando lá me protege a beça, é longe, pra sair pra trabalhar (...) ela tem que sair quatro horas, pega três ônibus (...). [Mas] se minha mãe souber que aconteceu alguma coisa comigo ou meu irmão, ela vem voando e tudo. Tudo que eu quero, minha mãe me dá”.

E é por isso que, mesmo não morando mais com a mãe, imediatamente após a declaração citada a cima, Jeferson afirma que “tudo que eu faço, eu penso antes de decepcionar minha mãe. Se decepcionar minha mãe, eu *tô* traindo a mim mesmo, Nossa Senhora”.

Quanto ao pai, Jeferson diz que o visita aos domingos, porque ele mora perto do campo onde acontece o campeonato de futebol. “Aí *tô* lá, fico no campo, bate a fome vou na casa do meu pai filar o rango, depois volto pro campo.” No entanto, mesmo quando não há o campeonato, Jeferson comumente está lá porque participa de “um grupo de amigos que *pagam* a mensalidade por mês, pra no final fazer uma festa de futebol, que antigamente era chamado Veterano. (...) Sou ruim, mas *tô* no grupo de Amigos”.

Contudo, Jeferson explica que “o horário é de nove a meio dia, que cada pessoa que tem um time tem um horário no campo, esse é o horário do grupo de Amigos” e afirma que mesmo saindo no sábado à noite, no domingo não deixa de estar lá no campo jogando futebol porque “é bom, futebol é bom!”, a não ser que não consiga acordar na hora.

Jeferson explica que o futebol no campo do Morro do Palácio funciona da seguinte maneira:

“quem vai chegando primeiro, bota o nome, aí vai pra casa até dar o horário. Chega sete horas da manhã no bar do Altair, que é o cabeça do grupo pra botar o nome (...) aí quando tá perto do horário, vai aparecendo um montão de gente. Aí quem chegar depois do número dezesseis tá do lado de fora, só entra se a pessoa que tá em campo deixar jogar. Eu já fiquei assim muitas vezes. Fazer o quê? A culpa não é minha, é do meu sono”.

E diz ainda que depois do futebol geralmente “o pessoal pára no bar, bebe, eu bebo pouco, mas bebo. (...) Paro de jogar futebol pra conversar sobre futebol. Às vezes enjoa, eu vou pra casa.” Às vezes, quando o dia está ensolarado, vai à praia. Mas há muito tempo não faz isso, comenta.

Além de jogar futebol, ir à praia, sair com os amigos para beber à noite, Jeferson utiliza seu tempo livre de outras maneiras, mas também dentro da comunidade. Relata-nos que gosta muito de frequentar a casa de uma amiga, que se chama Celina, mas é conhecida por Neném. Jeferson diz que

“fico lá na casa dela, vejo novela lá com as filhas dela, fico lá conversando lá, aí fico lá até tarde, fico até meia-noite e vou pra casa, vou dormir. (...) Fico rindo lá de uma das filhas dela, da neta dela, da Júlia, que é uma garota bem atentada, mas gosto muito dela. (...) Fico lá conversando, falo da vida dos outros, falo da nossa mesmo. Quando começa a novela Mutantes, ninguém fala nada, se falar apanha lá. Todo mundo gosta de ficar vendo essa novela que não vejo graça nenhuma”.

Mesmo afirmando que não gosta da novela que a amiga e sua família assistem, Jeferson diz que prefere permanecer na casa dela. “Eu sou obrigado a ver, né? Se tivesse na minha casa *taria* em outro canal”, mas como não está, continua assistindo a novela que eles assistem já que “é melhor ficar lá”.

Não é apenas a novela que Jeferson assiste com os amigos. A maioria dos jogos de futebol, ele assiste fora de casa. Mas isso porque

“a minha televisão, pra escutar, tem que tá no último volume e ainda não dá pra escutar direito porque (...) o áudio pra ver televisão não funciona, fica baixinho. Aí ver uma coisa e não escutar não adianta. Aí eu vou pras barracas com meus amigos e vejo o jogo. (...) Ver sozinho não tem emoção nenhuma”.

Além disso, nos finais de semana, ou mesmo durante a semana, entre os horários de trabalhos e escola, Jeferson diz que joga muito vídeo-game. Joga para ocupar o tempo, joga para sentir sono, joga para esperar dar a hora do próximo compromisso, “é uma forma de se distrair, lá eu esqueço que outro dia eu tenho que trabalhar, esqueço que eu tenho que emendar a borracha pra botar a água na caixa, esqueço tudo. (...) o resto que se dane, naquela hora”.

Contudo, lembra que não fica apenas jogando vídeo-game quando está dentro de casa, faz outras coisas também, mas o problema é que “homem, de dia, à toa, no alto do morro, é bandido. E isso pensa a polícia. Se eu ficar andando à toa lá, a polícia vai me pegar, (...) vai me meter a porrada”.

Outro lugar que Jeferson costuma ir é a lan house que há na comunidade, onde gosta de jogar e utiliza a internet para acessar seu perfil no orkut. Sobre a lan house, Jeferson comenta: “*tando* com dinheiro, eu *tô* lá”. Mas, além disso, gosta também de ir ao bar do Ângelo, onde pode jogar bingo, e no bar do Pára, onde pode jogar pife.

Pode-se, então observar que Jeferson construiu, assim como Telto, várias redes de relacionamentos a partir da sua participação no projeto Arte Ação Ambiental. Quanto às redes de relacionamento, refiro-me tanto às profissionais, pois é com a arte de reciclar papéis que Jeferson utiliza para trabalhar em diferentes espaços ao longo de toda sua semana, quanto às redes de amizade, porque se percebe que neste projeto Jeferson estreitou ainda mais laços de amizade que já possuía com outros jovens do Morro do Palácio. No entanto, é relevante ressaltar que embora estabeleça estas novas redes de relacionamentos, Jeferson mantém-se extremamente vinculado à comunidade onde mora, tanto pelos familiares, quanto pelos amigos que lá possui e com os quais compartilha espaços-tempos de sociabilidade dentro e fora do morro.

## Considerações Finais

Através deste trabalho monográfico, procurei recuperar a trajetória biográfica de dois jovens da pesquisa, da qual participei como bolsista de iniciação científica, no grupo de pesquisa Observatório Jovem. Busquei, então, compreender a constituição de trajetórias desses jovens do Morro do Palácio.

Situei-me em uma realidade moderno-contemporânea, ou seja, em uma sociedade em que se fazem presentes diferentes visões de mundo e estilos de vida. Na qual, os indivíduos transitam com maior intensidade e frequência entre diferentes papéis e domínios.

Estas diferenças entre transições se devem às formas específicas que cada sujeito tem de compreender e se relacionar com o contexto no qual se encontra.

A reflexividade da vida social moderna consiste no fato de que as práticas sociais são constantemente reformuladas de acordo com as informações geradas pelas mesmas práticas. O que possibilita ao sujeito a constante reflexão sobre a constituição de sua identidade, trazendo para o presente a necessidade de ligar passado e futuro, aliando a memória ao projeto.

Atualmente, devido a pluralidade de grupos gerada pela multiplicação de papéis sociais, “a mudança é veloz e o campo de possibilidades é infinitamente mais amplo do que aquele que podemos efetivamente experimentar com nossa capacidade de ação”. (Melucci, 2004) Entretanto, é crescente o número de situações dilemáticas nas quais as pessoas fazem escolhas conscientes, porém, dentre alternativas.

O que uma pessoa deseja descreve o que ela é. Isso porque “vivemos o paradoxo da escolha como destino, porque é impossível não escolher entre os possíveis”. (Melucci, 2004) No entanto, o autor afirma que somos também consequência de nossas relações, aquelas que nos limitam e que nos enriquecem.

Antes de concluir esta monografia, reunimo-nos com os jovens que haviam participado da pesquisa para que pudéssemos apresentar-lhes um breve vídeo que consiste na parte inicial do documentário, a fim de ouvirmos suas considerações, além de conversarmos sobre suas trajetórias de vida desde quando havíamos dado por encerrado o processo metodológico.

Desde então, Telto se casou e sua esposa engravidou. Em relação a isso, conta que o que mais mudou é o fato de não poder mais ter suas manias de solteiro, assim como na época em que morava sozinho. Além disso, agora tem a oportunidade de atuar como professor. Foi aberta uma vaga na creche no Morro do Palácio e ele foi indicado por uma pessoa da Associação de Moradores. Passou pelas entrevistas e conquistou a vaga.

Porém, afirma que não se desvinculou totalmente da arte. Neste período, fez um curso no Museu de Arte Moderna, no Rio de Janeiro, orientado por Guilherme Vergara, diretor do Museu de Arte Contemporânea na época em que o projeto Arte Ação Ambientou foi implementado.

Telto, portanto, procura expandir permanentemente seu campo de possibilidades e isso o permite experimentar o mesmo espaço geográfico de outras maneiras. Ou seus projetos mudaram, ou ele mudou a partir de seus novos projetos.

Jeferson nos conta que a maior mudança desde a última vez que nos reunimos por conta da pesquisa foi seu vínculo profissional, além do fato de também ter se casado. Porém, diferentemente de Telto, neste dia seu filho já havia completado dois meses. Todavia, vale ressaltar que Jeferson enfatizou ao dizer que não é pai apenas de uma criança, pois sua esposa já tinha um filho quando se casaram, este com três anos na data deste encontro.

Por conta da repentina constituição familiar, Jeferson conta, com muito pesar, que precisou abandonar seu trabalho no CAPS e no GAPOPS para ir em busca de um trabalho cuja renda fosse o suficiente para sustentar sua família. Conta que de imediato procurou o Museu de Arte Contemporânea na expectativa de, apesar de não trabalhar mais diretamente com a arte, não perder o vínculo com o museu. Entretanto, sua procura não foi bem sucedida. Com relação às respostas que recebeu, Jeferson demonstra grande insatisfação, afirmando que ao longo de dez anos sempre esteve disponível e agora se sente desamparado. Diz que considera isso uma injustiça e, referindo-se à uma música de Telto, afirma: “me fizeram um bom peão”. Para ele, os funcionários do museu ligados ao projeto indicaram o caminho aos jovens participantes, mas não considera isso suficiente, acha que precisam de orientação para saber o que fazer com este caminho.

Cada um reage às incertezas de acordo com o suporte que possui. Teria o projeto não conseguido constituir-se nas vidas dos jovens como um suporte tal como Melucci os define? Para o autor, é fundamental que se criem estratégias subjetivas para que o suporte não seja para o sujeito uma dependência econômica, cultural ou política. (Carrano, 2009)

Portanto, trata-se de saber se essa inserção duradoura dos jovens de classe popular em projetos sociais e, para alguns, a permanência na condição de educador social é capaz de assegurar a construção de uma identidade profissional.

Jeferson diz que atualmente trabalha em um lugar onde jamais imaginou estar: na obra. Diz que trabalhando na obra, tem precisado fazer muito esforço porque não está acostumado. Além disso, diz que fica triste tanto por não poder mais trabalhar com o que gosta, que é a reciclagem de papel, quanto por não poder mais estar presente na vida de pessoas que precisam de ajuda (neste caso, refere-se às pessoas que são atendidas no CAPS).

Ao mesmo tempo em que Jeferson se depara com suas limitações, o que exige um esforço redobrado para a efetivação de seus sonhos e projetos de vida, faz-se necessário a readequação de suas expectativas a novas possibilidades. Entretanto, para ele, a arte não deixa de consistir em um campo de busca pessoal.

Hoje, suas vidas não mais estão diretamente entrelaçadas ao projeto Arte Ação Ambiental. Porém, o projeto faz parte da trajetória de vida dos dois, o que faz com que sua influência seja inevitável, mesmo que de maneiras diferentes. Pois, como cada um constrói sua identidade individual a partir de experiências em diferentes contextos, cada um constrói, também, um percurso de vida próprio, apesar de terem participado do mesmo projeto social.

## BIBLIOGRAFIA

CARRANO, Paulo. Jovens de espaços populares no Brasil – processos de individuação e suportes para a vida. Seminar The Arts, Human Development, and Human Rights: 21st Century Intersections and Ramifications, 2009.

CARRANO, Paulo. Juventudes: as identidades são múltiplas. In.: Revista Movimento, n. 1, Juventude, Educação e Sociedade. RJ: DP&A, 2000.

CARRANO, Paulo e LEÃO, Geraldo. Trajetórias e modos de vida de jovens de espaços populares. 2009.

COLOMBO, Enzo. Descrever o Social: A arte de escrever a pesquisa empírica. In.: MELUCCI, Alberto. *Por uma Sociologia Reflexiva*. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 265-288.

LECCARDI, Carmen. Para um Novo Significado do Futuro: Mudança social, jovens e tempo. Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 17, n. 2, 2005.

LENOIR, Remi. Mulher e Policial. In.: NOGUEIRA, Maria Alice e CATANI, Afrânio (Org.). *Pierre Bourdieu: Escritos de Educação*. Petrópolis: Vozes, 1998.

LENOIR, Remi. Uma Crítica bem Viva. In.: NOGUEIRA, Maria Alice e CATANI, Afrânio (Org.). *Pierre Bourdieu: Escritos de Educação*. Petrópolis: Vozes, 1998.

MACHADO, Idalina. Sobre vivências urbanas: estilos de vida e práticas sociais em contextos de requalificação urbana. Actas dos ateliers do Vº Congresso Português de Sociologia, 2004.

MELUCCI, Alberto. Juventude, Tempo e Movimentos Sociais. In.: *Juventude e Contemporaneidade*. Revista Brasileira de Educação, n 5 e 6. São Paulo: ANPED: 1997.

MELUCCI, Alberto. O desafio do Cotidiano. In.: O Jogo do Eu. RS: Ed. Unisinos, 2004.

MELUCCI, Alberto. Metemorfose e o eu múltiplo. In.: O Jogo do Eu. RS: Ed. Unisinos, 2004.

NASCIMENTO, Eduardo Peterle. Jovens e Educação Superior: as aspirações de estudantes de cursos pré-vestibulares populares. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, 2009.

PAIS, José Machado. Cotidiano e Reflexividade. Educ. Soc. [online]. 2007, vol.28, n.98

RAMOS, Elsa. A construção das origens pessoais: herança e invenção. Actas dos ateliers do Vº Congresso Português de Sociologia. 2009.

REINHEIMER, Patrícia. “A Forma é a Regra do Jogo”. Educação Estética e Construção de Identidades entre um Museu de Arte e um Grupo de Classe Popular. Dissertação de Mestrado. UFRJ, 2002.

VELHO, Gilberto. Projeto e Metamorfose: Antropologia das Sociedades Complexas. RJ: Ed. Jorge Zahar, 2003.